

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UNB
FACULDADE DE EDUCAÇÃO – FE

**CRIATIVIDADE NO TRABALHO PEDAGÓGICO: O CASO
DO PROFESSOR CARLOS LIMA.**

THAIS SOARES E SILVA CHAVES

BRASÍLIA, DF
DEZEMBRO DE 2013

THAIS SOARES E SILVA CHAVES

**CRIATIVIDADE NO TRABALHO PEDAGÓGICO: O CASO
DO PROFESSOR CARLOS LIMA.**

Monografia apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em pedagogia à Comissão Examinadora da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, sob a orientação da professora Dra. Albertina Mitjáns Martínez.

**BRASÍLIA, DF
DEZEMBRO DE 2013**

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

Monografia apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em pedagogia à Comissão Examinadora da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, sob a orientação da professora Dra. Albertina Mitjás Martínez.

Comissão Examinadora

Professora Albertina Mitjás Martínez

Orientadora

Professora Alexandra Militão Rodrigues

Examinadora

Professora Solange Alves de Oliveira

Examinadora

Professora Tatiana Arruda

Examinadora Suplente

Brasília, dezembro de 2013.

Dedico este trabalho a meus familiares e amigos que tanto torceram por mim ao longo deste curso.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a meus queridos filhos, Noah e Thiago, por suportarem minha ausência em tantos momentos importantes de suas vidas. Vocês encheram, e enchem, meus dias de alegria e felicidade me dando a força necessária para seguir em frente. Ao lado de vocês, sinto que posso tudo! Este trabalho, meus amores, é o resultado de um grande sonho da mamãe, mas acima de tudo foi pelo futuro de vocês que travei esta batalha. Obrigada por estarem aqui, vocês são a minha vida colorida!

Agradeço ao meu querido esposo, pessoa maravilhosa que Deus colocou na minha estrada. Você, Bruno, é meu companheiro da luta diária, meu cúmplice dos planos para o futuro, meu amor! Você foi quem me deu os maiores presentes que a vida tem para oferecer e agradeço por ter cuidado tão bem deles e do nosso lar enquanto não me era possível. Obrigada por acreditar em mim e por não me deixar desistir.

Agradeço a meus pais, Rita e Cadmo, pela educação que me proporcionaram e pelo incentivo de sempre. Vocês fizeram por mim o que hoje tento fazer pelos meus filhos. Obrigada por acreditarem, com tanto afinho, que eu era capaz. Amo vocês!

Agradeço a meus maravilhosos irmãos, grandes companheiros desta vida. Ao Henrique por dividir seu dia-a-dia e sua família comigo, à Thati por ser essa tia tão maravilhosa e atenciosa para meus pequenos e à Thassia pela amizade, carinho e incentivos de sempre. Vocês me fazem uma pessoa mais feliz!

Agradeço às minhas colegas de trabalho, minha Diretora Tânia Oliveira e minha Vice-Diretora Valéria Menezes, pela paciência, pela compreensão e pela ajuda que me dispensaram quando eu mais precisei. Sem vocês eu não teria conseguido! Muito obrigada por tudo, vocês são pessoas incríveis!

Não posso deixar de agradecer aos meus professores maravilhosos, Najla Veloso, Leila Chalub, Hilário dos Reis, Vera Catalão, Alexandra Militão, Cristiano Muniz, Paulo Coelho, Nara Pimentel e Viviane Legnani. Através de suas palavras, práticas e exemplos vocês me inspiraram, me desconstruíram e me ajudaram a reconstruir-me como pessoa e Pedagoga ao longo do curso. Cada um de vocês representa um pouco do que pretendo ser amanhã. Obrigada pelo impacto definitivo na minha vida, asseguro que seus ensinamentos renderão frutos.

Agradeço a meu colega de UnB e de Secretaria, Carlos Lima Campos, por ser a inspiração e o objeto do presente trabalho. Você tem muito a acrescentar a todos nós, educadores. Obrigada por abrir as portas da sua prática para o presente estudo.

Por último, mas não menos importante, agradeço à minha orientadora Albertina Mitjans que mesmo em licença de capacitação se propôs a me ajudar neste trabalho. Albertina, você é uma professora maravilhosa, exigente e ao mesmo tempo compreensiva. Consegue equilibrar perfeitamente os profundos conhecimentos que tem com a prática docente e, acredite, isso é para poucos. Agradeço por me ajudar a enxergar onde eu não nada via, por me clarear idéias e pensamentos e, claro, por me dizer que sou capaz!

"Sem a curiosidade que me move, que me inquieta, que me insere na busca, não aprendo nem ensino".

Paulo Freire

RESUMO

O presente trabalho teve como objetivo analisar e compartilhar o estudo de caso de um professor reconhecidamente criativo, através de um diálogo com a abordagem sobre a Criatividade postulada por Albertina Mitjáns Martínez. Sabe-se que o professor exerce papel fundamental no processo de aprendizagem e esse estudo demonstra através do acompanhamento da atuação do Professor Carlos Lima Campos, que é possível ser autor de um trabalho pedagógico criativo autoral capaz de reafirmar o esse profissional como sujeito ativo e intencional em sala de aula. Para investigação e elaboração do presente estudo, foram realizadas rodas de conversa com os alunos, observações dos espaços de aula, recreio, ensaios e de coordenação pedagógica, assim como entrevistas com pais, alunos e professor. Após o trabalho, verificou-se que Carlos é um professor criativo por realizar um trabalho pedagógico novo e com valor reconhecido pela implicância no desenvolvimento de seus alunos. Foram constatadas interessantes modificações em vários âmbitos da atuação docente, desde os objetivos até o momento avaliativo. Diante das dificuldades de aprendizagem, repetência e evasão escolar existentes na escola pública do DF, a criatividade docente se apresenta como uma possível alternativa para superação das questões relacionadas ao fracasso escolar.

Palavras-chave: Trabalho pedagógico. Criatividade. Sistema Didático Integral. Aprendizagem criativa.

ABSTRACT

The present work aims at analyzing and sharing the case study of a notorious creative teacher, through the Theory of Creativity of Albertina Mitjás Martínez. It is known that teachers play a vital role in the learning process and this study illustrates, through the performance of Professor Carlos Lima Campos, that it is possible to have the authorship of a creative, pedagogical work which can reaffirm teachers' roles as active and purposeful in the classroom. To research and preparation of this study, wheels conversation with students, observations of classroom spaces, recreation, testing and teaching coordination, as well as interviews with parents, students and teachers were held. It can be stated that Carlos is a creative teacher for conduct a new pedagogical work and value recognized for implication in the development of their students. There are interesting modifications in many aspects of teaching activity, since the goals to the evaluation moment. Through a Integral Didactic System for development of creativity are brought changes in various ambits of teaching performance from the objectives to the evaluative moment. Given the difficulties in the learning process, academic failure and dropout in existing public schools in the Federal District (DF) - Brazil, creative teaching is presented as a possible alternative to overcome the issues related to high rates of school failure.

Keywords: Pedagogical work. Creativity. Integral Didactic System. Creative learning.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	11
PARTE I – MEMORIAL DESCRITIVO	12
PARTE II – MONOGRAFIA - CRIATIVIDADE NO TRABALHO PEDAGÓGICO: O CASO DO PROFESSOR CARLOS LIMA	19
1. INTRODUÇÃO	20
2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	23
2.1. Conceituação Teórica da Criatividade	23
2.2. Caracterização do Trabalho Docente Criativo	25
2.3. Fatores que Possibilitam o Trabalho Pedagógico Criativo	31
3. ESTRATÉGIA METODOLÓGICA PARA O ESTUDO DO TRABALHO DO PROFESSOR CARLOS	33
3.1. Contextualização do Estudo de Caso	33
3.2. Metodologia	34
4. O CASO DO PROFESSOR CARLOS	35
4.1. Caracterização do Contexto de Atuação de Carlos	35
4.2. Caracterização Geral do Professor Carlos	37
4.3. Descrição do Trabalho Pedagógico Criativo	41
4.4. Impacto do Trabalho no Desenvolvimento e Aprendizagem dos Alunos	55
4.5. Fatores que Possibilitam a Expressão Criativa de Carlos	58
5. CONCLUSÕES	61
PARTE III- PERSPECTIVA PROFISSIONAL	64
REFERENCIAS	66
ANEXOS	67
Anexo 1 – Constituição da República Democrática.....	67
Anexo 2 – Livro Didático do Coral São e da Orquestra Mãe Terra.....	75
Anexo 3 – Reportagem do site da SEDF/Apresentação do Coral.....	106
Anexo 4 – Edital do Torneio Matemático.....	109
Anexo 5 – Folder.....	120
Anexos 6 e 7 – Banner do Torneio de Ciências.....	123

APRESENTAÇÃO

Este trabalho é a culminância do Curso de Pedagogia da Universidade de Brasília. Com o título “Criatividade no trabalho pedagógico: o caso do Professor Carlos.”, é composto por três partes e possui como objetivo central analisar e compartilhar a prática docente criativa dentro de uma escola pública do DF.

As três partes que estruturam o presente trabalho são:

Parte I – Memorial Descritivo: Tópico onde é relatada a trajetória de vida da autora e sua relação com o presente trabalho.

Parte II- Monografia: Refere-se a uma análise profunda da experiência docente de um professor criativo, realizada através de observações in loco, de entrevistas e de diálogo com as teorias vigentes sobre Criatividade no Trabalho Pedagógico.

Parte III – Perspectiva Profissional: Esta parte traz a expectativa profissional da autora após a conclusão do presente trabalho e, então, do curso de Pedagogia da Universidade de Brasília.

PARTE I

MEMORIAL EDUCATIVO

MEMORIAL

Nasci em Brasília, no início dos anos 80, em uma família típica desta cidade. Meus pais vieram de outros estados com meus avós, logo após a inauguração da capital. Meu pai maranhense e minha mãe carioca conheceram-se no final dos anos 70 na cidade de Sobradinho. Ele, Cadmo, à época professor de matemática, formado em Engenharia Elétrica pela Universidade de Brasília, e ela, Rita, aluna do então 2º. grau, ambos convivendo na mesma escola da Rede Pública de Ensino do DF.

Desde minha origem, ainda na vida intrauterina minha história estava vinculada à Educação. Quando minha mãe engravidou, meu pai resolveu adquirir um imóvel na Asa Norte, devido à proximidade com a UnB. O centro da preocupação naquele momento era criar os filhos em um local próximo à universidade para encurtar a distância física à vida acadêmica e para que esta pudesse ocorrer de forma mais intensa. Apesar do desejo de que seus quatro rebentos pudessem estudar na UnB, acabei sendo a única a seguir o planejamento original.

Meus pais tiveram quatro filhos: Henrique, Thais (eu), Thatiana e Thassia. Todos cursamos o ensino fundamental em escola particular. Estudávamos perto de casa, em um colégio tradicional católico, o Madre Carmem Sallés. Neste ambiente tive minhas experiências educacionais mais significativas. Foi aqui que começou o meu interesse pela educação e onde foi sendo moldado o meu futuro, hoje meu momento presente.

Comecei desde a educação infantil, mais especificamente no 2o. período do jardim de infância, a brincar de ser professora. Mas a brincadeira tornou-se, de fato, um desejo no pré-escolar quando minha alfabetização teve início e conheci tia Jane, uma das várias professoras que marcaram minha vida.

Aos 6 anos de idade fui alfabetizada, como muitos, através de uma cartilha: A Cartilha do Sonho de Talita. Lembro com carinho da macaca e da Nanica, amigas de Talita. Lembrome das fichas silábicas e de utilizá-las para formar palavras como casa, mata, saca, batata, entre outras. Há uma grande discussão sobre o uso das cartilhas no processo de alfabetização. O entendimento vigente é de que elas são consideradas ultrapassadas. Contudo, a estratégia aplicada em minha turma além de prazeroso mostrou-se bastante eficaz, sucesso que atribuo à atuação de minha inesquecível professora – Tia Jane – que transformava nossa sala em um outro mundo; o mundo do conhecimento.

Em minha escola, muito rígida, havia reprovação já no prézinho. Quem não escrevesse, não lesse ou não entendesse o que decodificava não poderia passar ao ano seguinte, a primeira série. A justificativa era a de que a criança não conseguiria acompanhar a turma e teria prejudicada a aquisição de conhecimentos necessários na trajetória escolar acumulando um déficit que a prejudicaria. Fortuitamente em minha classe não houve reprovação. O sucesso ocorreu não porque o conselho aprovou um ou outro aluno, mas porque de fato todos terminamos o ano lendo, escrevendo e interpretando.

Tia Jane, então minha professora, é uma mulher bem baixinha, pele morena, de cabelos negros lisos e uma voz que de tão doce soa como infantil. Era uma delícia estudar com ela todas as manhãs. Nossa sala de aula era uma dessas salas quadradas comuns de ensino infantil (nesta época a alfabetização ocorria ainda no pré, nas escolas particulares), havia uma rodinha pintada lá no fundão, no chão, e alguns brinquedos educativos como fantoches, letrinhas de madeira, etc, que utilizávamos no fim da manhã enquanto aguardávamos nossos pais. Lembro-me com muita ternura desses dias, e tenho certeza absoluta de que se não tivesse sido tão feliz nessa turma e tão bem alfabetizada, consequência direta da felicidade diária, não teria a facilidade e o gosto que sempre tive pelos estudos.

Esse período me marcou profundamente. Fui oradora da turminha na formatura e li, em um auditório lotado, um versinho para os pais. Foi minha primeira experiência falando ao público e sei que teve papel importante na minha formação. Encheu-me de orgulho, me fez entender que sou capaz de fazer coisas que antes julgava impossível. Foi o início da minha vontade de lecionar. Vontade essa que me fez transformar a varanda do nosso apartamento em uma sala de aula, fazendo da parede um quadro-negro e providenciando alguns alunos imaginários. Cheguei até a iniciar o processo de alfabetização da Maria, mulher que nos auxiliava nos afazeres domésticos.

O que há de mais significativo nesta história toda, para mim, é a atuação da Tia Jane. Tenho claro em meu coração que a leveza daqueles dias deve-se diretamente à sua própria leveza. Quando entrávamos naquela sala não estávamos no mesmo mundo, o da escola, o mundo real. Estávamos na mata com a macaca, a Nanica, a Talita e a Tia Jane. Estávamos em uma extensão de seu mundo pessoal, terno, doce, calmo e divertido. Residia aí a magia do seu sucesso como professora. Ela parecia esquecer o mundo exterior, as pressões externas de coordenadores, currículo, etc, e fazia tudo de uma maneira tão natural que nem a gente percebia que estava lá para estudar! Costumava sentar-se no chão conosco, rir de nossas brincadeiras, levar-nos ao jardim para vermos a mata e aprendermos as letras da macaca, da banana, da saca, bem ali “no meio da floresta”! Ela era a professora que todas as crianças

queriam, e nos recreios muitas vezes escutei alguma criança dizendo que queria mudar de sala e só pra “ter” a nossa tia.

Eu passei a brincar de escolinha, como dito, em meu apartamento, sonhando ser essa professora que transforma a vida de crianças. Ainda hoje, meu sonho maior é ser uma professora amorosa e divertida, que consiga trabalhar conteúdos como quem brinca! Sonho em fazer de uma sala de aula, um mundo de acolhimento, diversão e de aventura frente ao mundo do conhecimento que vamos juntos explorar. Aprender pode ser diferente do que é! E pode, e deve, ser algo que nos dê prazer.

O papel do professor e sua influência na aprendizagem me inquietam desde Tia Jane. Ainda bem novinha tive contato com crianças que estudavam em escolas públicas. Quando pequena, me espantava com crianças, que apesar de terem a mesma idade que eu e meus amigos, não sabiam ler. Às vezes encontrava aquelas bem mais velhas e que ainda assim não decifravam as letras, geralmente, estudantes da rede pública.

No ensino médio, conheci como estudante, a rotina de uma escola pública e percebi que precisaria entender como funcionavam as coisas por lá. À primeira vista tudo muito mal cuidado, escola com pouca circulação de ar e bastante mal iluminada, escura mesmo. Para completar o ambiente assustador, havia um posto da Polícia Militar dentro da escola, ao lado do pátio, o que incitava suspeitas sobre o tipo de tratamento que tínhamos ou o tipo de pessoas que estudavam ali. Senti pouco caso por parte da direção e dos professores quanto às questões que a turma trazia, como a falta de recursos necessários à aprendizagem, comportamentos inadequados de colegas em sala e que nos prejudicavam, atraso no conteúdo, falta de professores, sujeira na escola e nos banheiros, enfim, tantas outras problemáticas que rondam a escola pública até hoje. Tudo isso me encheu de uma profunda mágoa pelo fato de ter saído de uma escola tão linda, limpa, com ótimos professores cheios de vontade, de recursos, sempre dispostos a ajudar e até exigindo mesmo que déssemos o melhor de nós nas disciplinas. Uma direção e toda equipe escolar preocupada com cada aluno, por motivo financeiro ou não, mas preocupada. Eu era importante, eu tinha voz e eu deveria aprender de uma maneira profunda, com qualidade. Mas de repente, isso deixou de existir, ninguém se preocupava conosco, ninguém nos enxergava na escola, perdemos nossa voz e eu acabei me perdendo dentro de uma escola que não se importava comigo. O resultado foi a evasão escolar.

Penso com bastante frequência que se os professores e, claro toda a escola pública, tivessem sido mais atenciosos comigo, esse fatídico abandono não teria ocorrido. Eu sempre gostei de estudar e sempre fui muito feliz na escola. Mas minhas experiências na e com a

escola pública pareceram me dizer que os professores não faziam muita questão do nosso sucesso, não se empenhavam muito, não demonstravam vontade de estar ali. Parecia tudo muito enfadonho, muito sofrido, como se todos agissem da mesma maneira. Às vezes me sentia numa fábrica. Acabei me contagiando e achando que não valia a pena mesmo estar ali. Desacreditei na importância da escola. Parecia uma espécie de banzo que tomava conta dos professores e se alastrava entre a gente. Por não possuímos voz ativa, o que importava pra gente não era o que importava para os professores ou direção. Quando falávamos não éramos significantes, pois, como alegavam, havia toda uma estrutura burocrática por trás de nós. Éramos apenas crianças ou adolescentes que nada entendiam sobre o funcionamento do espaço em que estávamos. Comprovei na prática o que as crianças da minha quadra viviam. Será que elas se sentiam como eu? Será esse um dos motivos que as impediam de aprender? Por que os professores não se mexiam para mudar as coisas conosco?

Ainda hoje encontro, diariamente vários desses meninos e meninas silenciados em sala. Vem de uma condição mais humilde, têm severas dificuldades de aprendizagem e estudam na Rede Oficial de Ensino. E ao encontrá-los aquela inquietação de outrora permanece. Será que uma professora ou professor tem o poder de, ao modificar sua prática docente, propiciar uma melhor aprendizagem a seus alunos? Será que a rede pública não oportuniza a uma professora que transforme suas vidas assim como tantas as que eu tive? Por que os professores da escola pública estão tão isolados, tão fechados em seus *modus operandi*? O que falta para que essas pessoas experimentem mais, usem mais e transformem mais?

Em meio a esses questionamentos, acabei indo fazer magistério na Escola Normal de Brasília. Tive boas experiências neste lugar. Apesar de me sentir ainda abandonada, fui muito feliz lá e quis realmente tornar-me parte daquele projeto: tornar-me educadora. Foi então que decidi prestar o vestibular para o curso de Pedagogia desta Faculdade. Entrei no primeiro semestre de 2002, comecei a trajetória acadêmica muito bem e com aquela certeza de pertencimento que só quem faz o que gosta tem. Apesar de meus esforços as circunstâncias da vida me levaram, desta vez contra minha vontade, a abandonar também a graduação.

Retornei, quando a vida me permitiu, ao curso de Pedagogia com aquela sensação de pertencimento que só quem faz o que gosta tem. Isto ocorreu no 2º. semestre de 2012. Sinto que minha vida desde muito cedo me levava a um caminho único: o de tornar-me professora. Dessa maneira, voltar a estudar Pedagogia, para além de possibilitar-me a futura aquisição de um diploma de nível superior, pareceu colocar-me de volta ao meu destino.

Na Faculdade de Educação, desde o primeiro ingresso, tive contato com pessoas e ideias altamente inspiradoras. Muitos dos conhecimentos estudados são muito pertinentes e realmente fazem sentido para mim. A partir deles, sei que sem uma boa educação ninguém modifica essa realidade capitalista cruel e excludente em que vivemos.

Estudar Pedagogia realmente ampliou meus horizontes. Aliás, em alguns momentos, senti que me tiravam uma venda dos olhos. Logo no início, ao estudar sociologia com a professora Najla Veloso (algo que na educação básica, na minha época, não era obrigatório), tive um “choque” ao perceber quanta coisa existe por trás de tudo o que a gente vive diariamente. Como são complexas as relações humanas, a sociedade, o sistema econômico! E como muito do que vivemos diariamente, tem uma perversidade opressora como base. Aliás, de tão perversa a realidade da nossa sociedade ocidental, acaba por nos fazer entender os problemas do mundo como naturais e assim nos conformamos achando que nada precisamos mudar. Mas a sociologia foi esclarecedora e desmacarou essa situação de opressão que pode e deve ser modificada.

Junto a esses novos conhecimentos, tive contato com o professor Hilário dos Reis, a quem devo humildemente, meu comprometimento com o desejo de transformar as vidas das pessoas através do “empoderamento” que só a educação pode oferecer. O carinho, o respeito, o acolhimento e essa postura amorosa com a qual olho e sinto as crianças com as quais trabalho e, quiçá, as com que trabalharei, me foram oportunizados por ele.

Como deixar para trás a lembrança da professora Alexandra Militão, que com sua amizade, sua voz e seu jeito manso me mostraram que alfabetizar é muito mais que ensinar a decifrar as letras? Ela carinhosamente ensinou-me que antes de partirmos do conteúdo, partimos das relações e da reciprocidade, da nossa história individual e coletiva e, nessa comunhão, a educação acontece. Sempre com uma esperança no olhar ela nos cativava a todos e rejeitava, em qualquer contexto, a utilização da palavra “nunca”. Assim, estimulou em nós a transformação desse nunca em ainda. E hoje, eu ainda não sou professora, ainda não me formei, mas o nunca não faz mais parte de mim! Porque sei que batalharei por todos os meus sonhos e por mudar um pouquinho a vida das crianças com as quais trabalho.

Tantos foram os professores e os estudos que me marcaram e que vivem em nessa pessoa em que me fui constituindo ao longo do curso. Dentre os professores e autores nos quais me espelho, tive contato através da Disciplina chamada Criatividade e Inovação na Educação, com a Professora Albertina Mitjans. Essa matéria me trouxe um otimismo em relação à nossa capacidade criativa, capacidade de mudança e de superação. Foi muito bom ver que é possível fazer um trabalho pedagógico diferente com crianças mesmo dentro de uma

estrutura engessada como a da Secretaria de Educação do DF. Isso ficou bastante evidente quando da realização do trabalho final do semestre. Esse consistiu em uma análise de um caso de um professor reconhecidamente criativo. Foi, então, que retomei contato com um colega de faculdade, chamado Carlos Lima Campos (a utilização do nome verdadeiro foi autorizada pelo Professor Carlos). Ele, já formado, trabalha na Secretaria de Educação e tem um trabalho bem diferente do que é comumente feito na rede oficial de ensino.

Foi inspirador observar e vivenciar o que o Professor Carlos faz em sala. Ele é, de fato, um desses professores engajados, compromissados que transformam a sala, as relações, as vidas de seus alunos e famílias! A experiência foi tão rica, e creio eu, tão útil para quem pretende lecionar, que decidi analisá-la mais profundamente neste trabalho de conclusão de curso.

Por fim ainda este semestre, serei Pedagoga. Afinal, entre idas e vindas, uma coisa me é permanente: a vontade de educar e transformar o dia a dia de nossas crianças.

PARTE II

MONOGRAFIA

**CRIATIVIDADE NO TRABALHO PEDAGÓGICO: O CASO
DO PROFESSOR CARLOS LIMA.**

1. INTRODUÇÃO

É de conhecimento de praticamente todos, o fato de que hoje a escola pública do Distrito Federal vive uma verdadeira guerra contra o fracasso escolar. A repetência, a distorção idade x série e a conseqüente evasão escolar são problemas antigos que, apesar dos esforços para seu fim, continuam a existir na vida dos estudantes. Para reverter essa situação, a Secretaria de Educação do Distrito Federal está em busca de alternativas que possam reforçar o papel da prática pedagógica de forma a reafirmá-la como aliada do processo de aprendizagem. Seguindo nessa perspectiva, a postura da SEEDF têm sido a de centrar a questão no professor, ofertando na formação continuada cursos que se baseiam na necessidade de mudança no trabalho empreendido em sala de aula.

Para além dos problemas de aprendizagem, a realidade da escola pública traduz-se, entre outras, em carências de recursos financeiros, físicos, teóricos, motivacionais e até em carência de pessoal. Isso coloca o trabalho docente em uma situação dificultosa. Nessas “condições adversas” em que se insere a escola pública, o complexo processo criativo, apesar de ser tema recorrente, possui pouco espaço. Segundo Mitjans Martínez (2008, p.79), “... a criatividade no trabalho pedagógico dos professores ainda está longe do desejável e, especialmente, longe do necessário em termos de aprendizagem e desenvolvimento dos alunos”.

Apesar de não estar em um ambiente que realmente a compreenda, a Criatividade é um termo bastante comum na escola. Devido à importância da ludicidade na vida das crianças, fala-se muito sobre ela e sobre a necessidade de levá-la em consideração no planejamento da escola e dos professores. Contudo, nessa perspectiva a criatividade diz respeito apenas ao senso estético e ao fazer artístico, o que acaba por restringi-la às aulas de arte ou às atividades de caráter lúdico-recreativo. A partir dessa realidade constitui-se o objetivo primeiro deste trabalho que é o de, à luz das teorias vigentes, conceituar a criatividade contrastando-a com o entendimento do senso-comum que prevalece nas escolas e no fazer pedagógico. Somando-se a isso, o presente trabalho se apresenta num estudo de caso onde a criatividade do trabalho pedagógico mostrou-se um caminho possível para a efetividade do processo de ensino-aprendizagem.

É praticamente unânime no ambiente escolar o discurso de que a criatividade de alunos e professores deve ser trabalhada, mas ao se perguntar para quê e como isso deve ser

feito, as respostas começam a faltar. Ocorre que não se encontra com facilidade professores que se aventurem em um trabalho criativo, ainda mais quando se fala da escola pública.

É fato, porém, que apesar das dificuldades, há ainda aqueles professores que empreendem grandes transformações em sala e, conseqüentemente, em suas vidas e nas de seus alunos. Essas mudanças contribuem para que os sujeitos envolvidos naquele ambiente, e naquele processo de ensino e aprendizagem, tenham mais condições emocionais, mentais e, inclusive, físicas para trabalharem juntos. O ambiente favorável parece tornar mais efetivo o processo de apropriação de conhecimento.

A criatividade no trabalho pedagógico pode transcender a organização engessada do sistema educacional criando maneiras diferentes e inovadoras de se pensar e fazer a prática docente. Principalmente nas séries iniciais do ensino fundamental, onde os índices mostram que o fracasso escolar é mais acentuado, professores criativos são fundamentais para oportunizar a seus alunos uma aprendizagem mais autônoma e efetiva.

Sabe-se que a aprendizagem criativa implica estudantes questionadores, autônomos, que personalizam o conhecimento incorporando-o às suas vidas. Desta maneira, tanto o fazer pedagógico criativo quanto a aprendizagem criativa podem ser de grande valia na luta contra os problemas enfrentados pela escola.

Dentre os sujeitos que não se contentam em fazer o usual, que precisam ir além, são auto motivados e precisam “transgredir” criando o seu “modus operandi” está o Professor Carlos. Ele é mais um desses fantásticos docentes que acabam transformando - através da aprendizagem - a vida de seus alunos.

Carlos é professor da Secretaria de Educação do DF. Entrou em exercício no ano de 2012 como professor efetivo, mas à época já estava lecionando na rede como contrato temporário. Sua atuação, posto que formado em Pedagogia, acontece nas séries iniciais do ensino fundamental I. Esse ano ele é professor de uma turma do 4º. Ano, no turno matutino, em uma escola da cidade de Sobradinho/DF.

Tive contato com o trabalho pedagógico do Professor Carlos em meados do ano passado, 2012, quando por obrigações profissionais precisei acompanhar um aluno de sua turma. Por ser monitora do ensino especial, frequentemente entro em salas para auxiliar crianças com necessidades educacionais especiais e foi exatamente o que ocorreu. Participei de alguns momentos em sua turma e fiquei intrigada com a rotina nada usual e os resultados que presenciei.

Estudar o que leva o Professor Carlos a ser tão diferente dos demais, como é o trabalho pedagógico por ele empreendido e como isso afeta os outros sujeitos envolvidos,

principalmente em relação à aprendizagem, é de suma importância para entender a relevância da criatividade no trabalho pedagógico. Pode ser esse um dos caminhos viáveis rumo à solução dos problemas de aprendizagem que culminam no fracasso escolar.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1. Conceituação Teórica da Criatividade

Atualmente fala-se muito em criatividade. É comum escutar essa palavra na televisão ou escrita em jornais, revistas, em cursos de formação profissional, etc. A criatividade parece ser necessária à vida moderna, principalmente quando se pensa em mercado de trabalho. Não raro, empresas procedem à seleção de seus funcionários dentre aqueles capazes de trazer soluções criativas para suas mais variadas necessidades. Afinal, no sistema econômico capitalista onde tempo é dinheiro, um bom profissional precisa ter a capacidade de construir soluções rápidas, inovadoras e que não demandem muitos recursos.

É também bastante comum, a utilização do termo criatividade para designar produtos, obras artísticas e estéticas. Quando se pensa, por exemplo, em pintores, escultores, etc, é normal fazer a associação destes com aquelas pessoas que são, de alguma maneira, diferentes do restante da população. Ao se pensar em artistas, logo vem à mente aquele estereótipo de pessoa com roupas pouco usuais, estilo de vida alternativo, uma mente mais “livre” e outras características que possam possibilitar àquela pessoa que sua criatividade venha à tona, que lhe possibilitem ser criativo.

A associação da criatividade com a infância é também recorrente. Entende-se, hoje, que a infância é um período único e com características muito específicas na vida de uma pessoa. A pureza, a alegria, a inocência fazem parte desse ideal de infância e de criança que vigora na contemporaneidade. E nesse contexto, a criatividade emerge como uma das mais fortes características desse período. Escuta-se muito falar que as crianças são criativas ou ainda, que se deve propiciar ou estimular a criatividade dos pequenos. Na escola esse entendimento se faz diariamente presente.

Wechsler (apud OLIVEIRA, 2006, p.42), Ao tratar sobre a origem do termo criatividade, postula o seguinte:

A palavra criatividade vem do latim *creare* que significa fazer e do grego *kraínem* que, além de significar crise, significa também realizar, preencher, o que de acordo com Wechsler (1998), demonstra a preocupação, desde a antiguidade com o como pensar e sentir criativamente.

Assim, a criatividade desde a origem do termo está relacionada à criação de algo, ou seja, um produto. Mas será que é apenas isso?

Para compreender cientificamente o termo Criatividade, este trabalho parte da conceituação de Mitjás Martínez que postula ser a criatividade um processo complexo da subjetividade humana na sua condição de subjetividade individual e, ao mesmo tempo, subjetividade social que se expressa na produção de “algo” que se constitui concomitantemente em algo “novo” e “valioso” uma determinada área. (MARTÍNEZ, 2001)

Segundo o entendimento de Mitjás Martínez, o conceito de subjetividade assumido baseia-se na perspectiva histórico-cultural elaborada por Gonzáles Rey. De acordo com este autor:

A subjetividade humana, como forma do real, existe nas estruturas simbólicas e de sentido subjetivo distintas do homem, as quais não aparecem de uma vez por todas, como atributos universais do desenvolvimento, se não que se reconstituem de forma diferente no curso desse processo através das formas de relação social em que o sujeito vai desempenhando sua existência social. O mundo onde o homem vive se constitui subjetivamente em sua personalidade, assim como nas diferentes formas sociais em que ele desenvolve sua ação. (GONZÁLEZ REY, 1998, P. 235)

Desta maneira, o presente trabalho entende como Criatividade um complexo processo humano que depende de como se foi constituindo a subjetividade individual atrelada à subjetividade social num interjogo que possibilita à pessoa a criação de algo novo e com algum tipo de valor reconhecido.

A criatividade não é inata e não é algo que todos possuem, posto que depende de uma infinidade de fatores e especialmente dos subjetivos, como traz Mitjás Martínez:

[...] é um processo plurideterminado. Fatores históricos, econômicos, sócio-culturais, ideológicos, conjunturais e subjetivos mediatizam, de forma extremamente complexa, a expressão criativa. No entanto, esta é sempre a expressão de sujeitos concretos que, em determinado momento e em determinadas condições, são capazes de produzir algo novo com determinado valor. (MARTÍNEZ, 2003, p. 191)

Assim, uma pessoa que gera algo novo, não necessariamente é uma pessoa criativa, pois esta novidade precisa ter alguma implicação, deve ter algum tipo de valor, geralmente reconhecido por outros.

2.2 Caracterização do Trabalho Pedagógico Criativo

Nos dias de hoje, o termo criatividade é muito presente no ambiente escolar. De tão citada, parece mesmo fazer parte da escola. Desde a Educação Infantil até a Formação Universitária, ela é vista como indispensável ao trabalho pedagógico. Professores e coordenadores, por exemplo, têm sempre na ponta da língua algo a ser dito sobre a palavra criatividade. Contudo, apesar de sua importância estar pedagogicamente sacramentada, ela ainda não possui o destaque que merece. Segundo Mitjans Martínez:

[...] criatividade e a inovação não constituem hoje valores reais na maioria das instituições educativas. Isso se expressa com clareza na defasagem entre um discurso aceito, em que a criatividade é valorizada, e uma realidade em que a criatividade não consegue, salvo exceções, expressões significativas. (MARTÍNEZ, 2003, p. 190)

Inúmeras definições de criatividade foram elaboradas ao longo da história, dependendo do referencial teórico a qual estavam ligadas. Segundo a Profa. Dra. Solange M. Wechsler (apud OLIVEIRA, 2006, p.43), um estudo realizado por Taylor, em 1976, já havia encontrado, à época, mais de cem definições sobre o termo, algumas inclusive opostas umas às outras, o que demonstra a dificuldade em se estabelecer o que é de fato a criatividade.

Atualmente a escola entende a importância da criatividade em sua dinâmica, contudo está muito confusa sobre seu real significado, posto que também imersa neste emaranhado de slogans acerca do termo. Na Educação Infantil, por exemplo, a criatividade tem um espaço cativo, pois é entendida como algo inerente às crianças da mais tenra idade. Desta maneira, comumente há um trabalho pedagógico direcionado para a liberdade de expressão dos pequenos de forma a permitir que o que, segundo o senso-comum, lhes é mais característico nesta fase - a criatividade -tenha condições de se manifestar.

Já no Ensino Fundamental, uma concepção comum é a da necessidade de se estimular a criatividade nos alunos. Fala-se muito em aulas de arte, dança, teatro ou de quaisquer outras que possam propiciar um “fazer criativo”. Assim, as pinturas, os desenhos, as representações, etc, estão sempre muito presentes na rotina da sala de aula, seja como atividade planejada ou como forma de preencher o tempo livre.

No Ensino Médio, ao se falar em criatividade, o foco costuma voltar-se para o professor. Sabe-se que, devido à grande quantidade de conteúdos a serem estudados, os alunos têm algumas dificuldades, como, por exemplo, as de memorização. Assim, o professor precisa buscar maneiras de inovar em sala de aula para facilitar o processo de aprendizagem. Isso normalmente ocorre com encenações, aulas musicadas, etc, onde o professor acaba por

transformar-se em uma espécie de artista que propicia uma aula-arte onde o objetivo é o de que se aprenda através da diversão.

Quando se pensa em Ensino Superior, a criatividade usualmente vai pelo caminho da busca de soluções criativas que o estudante percorrerá já em sua trajetória acadêmica, mas muito mais intensamente em sua atuação profissional. Assim, vê-se que existem várias formas de focar a criatividade.

De forma resumida, percebe-se que apesar da escola não dominar um conceito único, de acordo com as teorias vigentes sobre a criatividade, é pertinente o que afirma Mitjans Martínez: “Cada vez mais é reconhecida a importância da criatividade no contexto escolar, assim como a necessidade de desenvolver estratégias e ações para sua estimulação e desenvolvimento.” (MARTÍNEZ, 2003, p. 190)

No trabalho docente, o professor criativo é entendido como aquele que possui mais habilidades artísticas, manuais, etc. É aquela professora que faz lindos murais, aquele professor que faz gracinhas, piadas, etc, dando uma aula mais descontraída, enfim, é o docente que inventa uma maneira nova de realizar alguma coisa.

Contudo, a criatividade não se configura apenas na produção de algo novo. A novidade por si só não se implica em criatividade, segundo palavras de Mitjans Martínez, “Criatividade e novidade não são palavras sinônimas”. (MARTÍNEZ, 2006, p. 71) Assim, apesar das novidades produzidas por alguns professores chamarem a atenção, somente se constituirão como fazer criativo a partir de uma implicação real na vida escolar de seus alunos. Sobre isso, o entendimento de Mitjans Martínez é:

Existe uma tendência a produzir coisas “novas” em sala de aula sem uma preocupação em analisar seu impacto real na aprendizagem e no desenvolvimento dos alunos. [...] A criatividade implica a novidade; porém, a novidade não é suficiente para se considerar um processo como criativo. O valor que o novo que se produz tem – no caso do trabalho pedagógico, algum tipo de valor para a aprendizagem e desenvolvimento dos alunos – resulta essencial para sua consideração como criativo. (MARTÍNEZ, 2006, P.71)

Desta maneira o que comumente é entendido como criatividade docente na escola, pode não passar de uma inovação metodológica, posto que não há uma avaliação de sua implicância na aprendizagem dos alunos. As novidades acabam entrando no trabalho pedagógico para fugirem do comum, para auxiliarem o professor a fazer algo de maneira diferente, de forma a atrair a atenção dos estudantes. Contudo, a diferença, em alguns casos, pode acabar sendo mais prejudicial do que o antigo modo de se fazer algo, posto que pode se

constituir num objetivo em si mesma desviando-se do verdadeiro intuito da aula: a real e efetiva aprendizagem.

Como já mencionado, o conceito de criatividade está ligado à produção de algo novo e de valor. Esse valor, apesar de “extremamente relativo” (MARTÍNEZ, 1995, p.71) é algo primordial para caracterização da produção criativa. É exatamente o valor que a novidade gera quem garante que o que se foi produzido atende a um objetivo maior, no caso a aprendizagem e o desenvolvimento dos alunos, e não apenas a uma tendência atual de apenas se criar coisas novas.

O valor de uma novidade introduzida no trabalho pedagógico tem que estar relacionado ao próprio fim do trabalho docente: a aprendizagem e o desenvolvimento dos alunos. Assim, há que haver o reconhecimento da implicação positiva no desenvolvimento do processo de aprendizagem. Nas palavras de Mitjás Martínez:

O valor das mudanças e das novidades introduzidas no trabalho pedagógico está dado, essencialmente, pela sua significação para a aprendizagem e desenvolvimento dos alunos: envolvimento no processo de aprender, aprendizagem significativa, aquisição de habilidades e competências, superação de dificuldades escolares, desenvolvimento de outros importantes elementos da subjetividade como valores, autovalorização adequada, projetos, capacidade de reflexão, criatividade, etc. (MARTÍNEZ, 1995, p. 73)

O trabalho pedagógico é muito mais do que formas de se ensinar algo a alguém. As técnicas de ensino fazem sim parte do trabalho docente, contudo este as extrapola pois envolve outros elementos que vão além de se encontrar uma maneira de ensinar. Assim, não basta ao professor dominar e inovar os métodos de ensino. É desejável que a mudança esteja presente em todos os aspectos do trabalho pedagógico e não somente na metodologia de ensino .

Visando o trabalho criativo, o professor precisa empreender mudanças coerentemente significativas e permanentes distanciando-se do que é tradicionalmente feito. Mitjás Martínez traz orientações gerais para essas mudanças pedagógicas sistêmicas, o que chama de Sistema Didático Integral para o desenvolvimento da criatividade (MARTÍNEZ, 1997).

Segundo Mitjás Martínez, caso as mudanças abarquem apenas uma ou outra dimensão do trabalho pedagógico há um grande risco de não se ter o efeito esperado. Assim:

[...] a não introdução de mudanças em outros componentes do trabalho pedagógico, focalizando-se apenas os métodos de ensino,

“neutralize” os possíveis impactos das modificações introduzidas nestes (MARTÍNEZ, 1995, p.71).

Mitjás Martínez elaborou e fundamentou uma espécie de direcionamento, de princípios a partir dos quais o docente deve delinear sua prática: foi proposto o Sistema Didático Integral. O objetivo último deste Sistema, posto que pedagógico, é o de propiciar que os estudantes sejam mais criativos no seu processo de aprendizagem e aprendam com maior autonomia. Assim, o professor precisa repensar sua prática em alguns aspectos fundamentais desde a seleção dos objetivos até a avaliação incluindo as formas de comunicação/relação com os alunos.

A autora explicita sete aspectos em que são necessárias mudanças para que estas possam se caracterizar como um Sistema Didático Integral, são eles: 1. O papel do aluno na formulação e seleção de objetivos de aprendizagem, 2. A seleção e organização de conteúdos, habilidades e competências a serem desenvolvidas, 3. Estratégias e métodos de ensino, 4. A natureza das tarefas a serem realizadas em classe ou extraclasse e as orientações para sua realização, 5. Natureza da bibliografia e do material didático e as orientações para sua leitura, 6. O sistema de avaliação e autoavaliação da aprendizagem e 7. As relações professor-aluno e o clima comunicativo-emocional que caracteriza a sala de aula. (MARTÍNEZ, 2012)

Quanto à formulação e seleção de objetivos, a mudança está no sujeito a quem os objetivos são direcionados. No caso, o foco deve estar centrado no aluno, entendido como sujeito ativo no processo ensino-aprendizagem, que deve se envolver com os objetivos desde sua definição até o momento de se avaliar se eles foram ou não alcançados. Assim, ao aluno é permitido e, inclusive, estimulado o acompanhamento dos objetivos formulados em conjunto.

Quanto à seleção e organização dos conteúdos a ideia é a de que em vez de se trabalhar com um currículo superficial e inchado, se trabalhe com um currículo mais enxuto e com uma maior profundidade. É de suma importância o estímulo aos questionamentos, à curiosidade dos alunos, de forma que a imaginação ganhe espaço. Os alunos precisam desenvolver a capacidade de pensar sobre os conteúdos, problematizando-os e criando ideias próprias sobre os fatos.

Sobre as estratégias e métodos de ensino, Mitjás Martínez traz a questão da necessidade de diversificação desses e da vinculação com dia-a-dia dos alunos. É importante que as estratégias estejam relacionadas aos interesses da turma, com atividades desafiadoras que busquem, em vez da mera repetição de respostas, uma real produção por parte dos alunos. Assim, o ator principal no processo de aprendizagem deixa de ser o professor para passar a ser

o próprio aluno. A ideia é a de usar métodos ativos de ensino onde o aluno possa colocar-se autonomamente frente às questões em busca de soluções que melhor atendam aos problemas apresentados. Então, o ensino através de problematizações, da aprendizagem colaborativa, e outros que propiciam um posicionamento mais ativo dos alunos, são uma boa pedida. A autora também cita o uso das novas tecnologias como uma boa “ferramenta para novas aprendizagens e como espaço de produção de sentidos subjetivos favoráveis a elas”. (MARTÍNEZ, 2012)

A orientação para a realização das tarefas a serem feitas tanto em sala quanto fora dela também deve ser alvo de reformulação segundo os princípios do Sistema Didático Integral. A proposta é a de que a mera reprodução seja deixada de lado para dar lugar à produção dos próprios alunos. Dessa maneira, pode-se oportunizar outro posicionamento do aluno que não seja a simples memorização e compreensão de conceitos, mas a compreensão significativa que, através da personalização da informação possibilitará ao aluno transcender o conteúdo com ideias e questionamentos próprios. A aprendizagem criativa está relacionada a um certo aspecto de transgressão e ruptura com as informações apresentadas, assim as tarefas propostas precisam mobilizar os elementos personológicos que possibilitam a criatividade. Podem ser utilizadas, por exemplo, técnicas que possibilitem a solução criativa de problemas, seminários vivenciais, jogos criativos etc.

Outra orientação importante diz respeito às leituras a serem indicadas. Os materiais didáticos e a bibliografia escolhidos precisam ser “potencialmente desafiadores”. Mitjans Martinez fala sobre a escolha de textos com uma maior profundidade de forma a favorecer o potencial investigativo dos alunos e, inclusive, textos com ideias opostas sobre um mesmo assunto de forma a possibilitar que em vez de se buscar um simples entendimento sobre o que se lê, se possa proceder a uma leitura crítica e criativa. Para isso, devem ser oferecidos um número significativo de textos atuais e de textos historicamente reconhecidos, ambos com sólido conhecimento de forma a favorecer o posicionamento ativo dos estudantes em sua própria formação. Deve orientar-se, sempre que possível, a leitura criativa do texto com o objetivo de que o aluno possa transcender de alguma forma o posicionamento e as ideias do autor. Assim, cabe também ao professor o estímulo à leitura. Deve-se propiciar e instigar nos alunos a leitura de textos críticos de uma maneira que a complexidade vá aumentando junto com a capacidade crítico-criativa dos estudantes.

A avaliação no Sistema Didático Integral deve seguir na mesma linha das outras dimensões a serem modificadas no processo pedagógico, ou seja, precisa deixar de lado o caráter reprodutivo que comumente a caracteriza e evidenciar o posicionamento crítico e

criativo por parte dos alunos, assim como privilegiar os aspectos reflexivos da aprendizagem. Mitjás Martínez fala sobre a necessidade de trabalhar a coavaliação, assim como a de estimular “sistematicamente o exercício da autoavaliação da aprendizagem”.

Um dos aspectos mais fundamentais no Sistema Didático Integral é a maneira como se dá o relacionamento dos sujeitos envolvidos no processo pedagógico. Então, é justamente a relação estabelecida dentro e fora da sala de aula que se constituirá no alicerce de um clima social acolhedor e participativo e, ainda, fomentador de uma subjetividade social propícia à criatividade. A comunicação entre professor e alunos possui papel central na forma de aprendizagem que se busca desenvolver. Assim, o professor deve assumir seu papel intencional e procurar uma estratégia comunicativa que vise não apenas a assimilação dos conteúdos, mas a verdadeira expressão criativa por parte dos alunos. Precisa haver espaço para que os alunos possam se colocar ativamente no seu processo de aprendizagem. Segundo Mitjás Martínez, ao professor cabe:

Incentivar a curiosidade, o questionamento, a reflexão, a imaginação, a autorreflexão crítica sobre aprendizagem e sobre si mesmo em uma relação simultânea de confiança e de exigência. Valorizar o esforço e a produção própria dos alunos, colocando o aluno em situações potencialmente desafiadoras dando feedback e orientações pertinentes. Trabalhar na direção de contribuir para a sala de aula se converter em um espaço potencial de produção de sentidos subjetivos mobilizadores da criatividade. (MARTÍNEZ, 2012, p.119)

Ao professor cabe, então, dentro de sua realidade concreta, de seus alunos e, conseqüentemente, de sua sala de aula, introduzir substanciais modificações pautando-se nesses princípios gerais. Assim, sua criatividade se expressará em seu trabalho pedagógico que poderá ser valioso para o processo de aprendizagem de seus alunos.

2.3 Fatores que Possibilitam o Trabalho Pedagógico Criativo

Sabe-se que a criatividade é um processo multifacetado, complexo e subjetivo do homem e que ela depende de um interjogo de elementos que a possibilitam. De maneira similar ocorre a criatividade do trabalho pedagógico. Esta também depende de um interjogo de elementos e processos da subjetividade pessoal e da subjetividade social que a possibilitam. Desta maneira, a criatividade depende de como o sujeito foi se constituindo ao

longo de sua história, através de suas relações, atitudes, através de como foi influenciado e de como influenciou em sua vida. Sobre isso Mitjans Martínez traz que:

A criatividade não é um processo intrapsíquico, como não o é a subjetividade na concepção assumida (*a de González Rey, anteriormente citada – Grifo nosso*). O processo de produção de ‘algo novo’, “com valor”, é possível pelo interjogo de configurações subjetivas constituídas no sujeito no percurso de sua história de vida individual, da sua própria condição de sujeito e das configurações da subjetividade social, especialmente constituídas no espaço social em que o sujeito realiza sua ação. (MARTÍNEZ, 1995, p. 76)

No caso do trabalho pedagógico criativo, ele depende tanto da subjetividade pessoal do professor, e sua condição como sujeito, quanto da subjetividade social, ou seja, do espaço sócio-relacional onde o trabalho se desenvolve, no caso a própria escola. Assim as configurações subjetivas adquirem especial relevância para a compreensão da criatividade.

As configurações subjetivas pessoais são aquelas constituídas a partir da história de vida do sujeito. Faz parte da constituição subjetiva, por exemplo, os recursos subjetivos que permitem ao homem agir de determinada forma e que são influenciados por sua própria ação, como diz Mitjans Martínez :

O processo de desenvolvimento da subjetividade é um procedimento complexo, não apenas porque o indivíduo está simultaneamente imerso em diferentes e inclusive contraditórios sistemas de atividades-comunicação (família, escola, amigos, etc.), mas porque na medida em que a subjetividade se constitui e se desenvolve esta vai participando da configuração dessas influências, constituindo-se em elemento ativo da sua própria constituição e desenvolvimento. (MITJANS, 2012, p.105)

A constituição da subjetividade é, então, um processo muito complexo e dela participam também as experiências que fizeram parte das relações travadas pelo sujeito em “seus espaços sociorrelacionais” ou, na perspectiva de González Rey, essa subjetividade diz respeito à constituição simbólica subjetiva do mundo vivido na personalidade do sujeito.

A atividade docente criativa depende das configurações subjetivas que se constituem na personalidade do professor como configurações criativas. Segundo Mitjans Martínez, as configurações subjetivas implicadas na criatividade de um professor são dinâmicas, individualizadas e dependem dos processos subjetivos denominados “configurações criativas”. (MARTÍNEZ, 1997)

Em suas pesquisas com profissionais considerados altamente criativos em suas áreas de atuação, Mitjás Martínez , encontrou alguns, mas não únicos aspectos comuns em suas configurações criativas. São eles:

- Grande motivação profissional – “a profissão é uma tendência orientadora da personalidade”;
- Visão muito forte de futuro, ações empreendidas com foco no futuro profissional;
- “Força da Individualidade”, ou seja, uma importante autovalorização;
- Foco na superação profissional;
- Intenção de criar, “Orientação consciente para criação”.

Ao tratar da criatividade no trabalho pedagógico, Mitjás Martínez reforça o papel da motivação como de suma importância para que o docente empreenda mudanças em sua prática, no caso da escola: a forte vontade de ensinar e educar.

Por outro lado, a subjetividade social diz respeito à uma dimensão importantíssima do ambiente onde está inserido o sujeito. Assim, no caso da criatividade pedagógica do professor diz respeito à dimensão subjetiva da instituição onde ele realiza o seu trabalho.

Segundo Mitjás Martínez ,

A subjetividade social da escola está integrada por significados e sentido diversos; entre eles, o clima emocional, as formas de relação, o sistema de crenças e valores em relação ao ensinar, ao aprender, ao aluno e ao trabalho pedagógico, o sistema de regras (explícitas e implícitas) que regem o trabalho institucional, o significado dado à criatividade e muitos outros aspectos. (MARTÍNEZ, 1997, p. 78)

Seguindo essa perspectiva, tudo o que faz parte dos aspectos subjetivos do ambiente escolar se constitui como subjetividade social e influi sobre o entendimento e as vivências que existirão a respeito de um trabalho pedagógico criativo.

O interjogo dinâmico entre a subjetividade social onde ocorre a prática docente e a subjetividade pessoal do próprio professor é que compõe a base onde se construirá o trabalho pedagógico criativo. Vale dizer que a subjetividade social não influi apenas no caso de se apresentar como positivamente estimuladora para o professor. Afinal, o professor ao inserir-se no espaço escolar possui elementos para refletir sobre os significados e sentidos da subjetividade social da escola, assumindo-os de uma ou outra forma de acordo com suas concepções. É o caso, por exemplo, do professor que está inserido numa escola onde a prática

é majoritariamente conteudista, reprodutivista e memorística, mas o professor por refletir e discordar desta postura assumida pela escola passa a realizar um trabalho mais amplo e complementar com problematizações, estímulo ao raciocínio questionador e ativo dos alunos.

3. ESTRATÉGIA PARA O ESTUDO DO TRABALHO DO PROFESSOR CARLOS

3.1 Contextualização do Estudo de Caso

As observações que originaram o presente trabalho tiveram início no ano de 2012, quando por motivos profissionais tive contato com a rotina da turma do Professor Carlos Lima Campos. Era uma turma de 4º. ano do Ensino Fundamental, do turno vespertino. O professor Carlos não era o titular da classe. Trabalhava como substituto temporário para a vaga aberta por uma professora que assumiu a coordenação pedagógica.

No mesmo ano de 2012, ocorreram as primeiras observações e anotações, ainda sem a pretensão de concretizá-las em estudo acadêmico. Foram feitos registros escritos informais sobre a maneira como o professor realizava o trabalho em sua turma. Resumiam-se a indagações sobre o modo de organização do trabalho pedagógico, seu relacionamento com os alunos, os objetivos das aulas, etc.

No ano seguinte, durante o primeiro semestre de 2013, ao cursar a disciplina Criatividade e Inovação na Educação sob a regência da Professora Albertina Mitjans Martínez, retomei o contato com Carlos. Para concluir a matéria havia a exigência de um trabalho final sobre um professor criativo. Rapidamente me recordei de Carlos e, apesar da dificuldade em encontrá-lo, retomamos o contato. Pude, então, observá-lo com outra turma e em outra escola.

Carlos hoje é professor efetivo da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal e leciona na cidade de Sobradinho/DF. A escola em que ele está inserido é uma escola pequena, de Ensino Fundamental I. Por ser de séries iniciais, ou seja, do 1º. ao 5º. ano, é chamada de Escola Classe. Estão em funcionamento nessa escola os períodos matutino e

vespertino. Somando-se esses dois turnos, a escola possui 22 turmas, com um total de 572 alunos.

A escola conta com equipe composta por uma diretora, um vice-diretor, uma pedagoga, uma supervisora pedagógica, professores e equipe da copa e limpeza parcialmente terceirizada. Há também 3 coordenadoras, sendo que uma delas por ser readaptada coordena o TV na escola. A Escola é inclusiva e possui 2 salas de recurso (uma generalista e uma curricular específica), um laboratório de informática, sala de leitura, mecanografia e sala do SOE.

3.2 Metodologia

Sob o objetivo de analisar, caracterizar e comprovar a prática docente criativa, o estudo de caso foi realizado através de observações durante o 1º. Semestre de 2012, na antiga escola em que Carlos trabalhava, e durante os 1º. e 2º. Semestres de 2013 na escola classe onde o professor atualmente atua.

Fora as observações in loco – junto à turma, aos momentos de coordenação coletiva e aulas extra-classe - foram realizadas conversas com o Professor Carlos com o intuito de entender melhor o seu trabalho pedagógico.

As observações feitas em sala de aula tinham o objetivo primeiro de elencar aspectos específicos da rotina seguida pela turma. Foram investigados as rotinas diárias e semanais, a questão dos relacionamentos entre todos os sujeitos envolvidos, sejam eles o professor, alunos desta classe e de outras, demais funcionários da escola. Como e sob quais fundamentos era organizado o trabalho pedagógico de Carlos. O que acontecia ao longo do expediente escolar, ou seja, nos espaços formais (sala de aula, coordenação, etc) e informais (recreio, saída de alunos, etc), como se portavam os alunos e o professor. Alguns aspectos significantes do trabalho pedagógico criativo do professor foram documentados através de fotos. São eles:

- O papel descentralizado do professor
- Alunos ensinando seus pares
- A bandeira da República
- O momento do Hino em sala
- A liberdade dos alunos em sala de aula
- O uso do soroban e as aulas de matemática

- Os ensaios para o coral

As conversas, realizadas tanto pessoalmente quanto via e-mail e chat, tiveram o objetivo de elucidar sua trajetória pessoal - esclarecendo como ele foi se constituindo ao longo de sua vida em uma pessoa criativa – quanto sua produção criativa.

Houve uma entrevista gravada, análise de documentos que guiam a rotina da turma - elaborados pelo professor -, análise de DVD's com atuação do professor, alunos e comunidade no Coral e ainda análise documental de resultados. Os documentos analisados constam nos anexos do presente trabalho e serviram para compreensão do trabalho criativo do Professor Carlos.

Foram utilizadas as primeiras anotações realizadas informalmente acerca da atuação de Carlos, o trabalho final da disciplina Criatividade e Inovação – onde foi feita a análise de um professor reconhecidamente criativo à luz da concepção elaborada por Mitjans Martínez – e a bibliografia escolhida acerca do tema.

4. O CASO DO PROFESSOR CARLOS

4.1 Caracterização do Contexto de Atuação de Carlos

De acordo com último Censo Escolar divulgado pelo MEC em 23/09/2013, a rede oficial de ensino do Distrito Federal conta com 446.337 alunos matriculados. Apesar de a população brasiliense crescer a cada dia, as matrículas na escola pública decrescem. Os números mostram que no ano de 2012 as matrículas nos anos iniciais do Ensino Fundamental somavam 158.328 enquanto que em 2013 o número não passa de 153.333 alunos matriculados.

Os números do censo demonstram que o DF perdeu 10.500 alunos de um ano para o outro. Sabe-se que a estrutura da secretaria de educação não atende às expectativas em relação à qualidade do ensino. Não raro, os pais que possuem alguma possibilidade financeira deixam a rede pública para matricularem seus filhos na rede privada. Além da diminuição da quantidade de matrículas, a evasão, a repetência e a distorção idade x série, também são problemas que acompanham a escola pública há anos.

Como tentativa de diminuir os índices ruins, tem-se procurado investir na formação inicial e continuada dos professores, assim como elaborar políticas públicas que diminuam as reprovações. A SEDF, principalmente através da EAPE (Escola de Aperfeiçoamento dos Profissionais da Educação da SEDF) tem realizado encontros, palestras, debates e cursos como o objetivo de dinamizar a prática docente.

Contudo, ao mesmo tempo em que se procura “equipar” o professor para trabalhar na realidade atual, a escola sofre com o retorno dos coordenadores pedagógicos às salas de aula, com a falta de pedagogos, orientadores educacionais, professores efetivos, demora na disponibilização de professores substitutos, sem falar na carência de estrutura física e material adequada, da desvalorização dos profissionais da educação, etc. Assim, o professor acaba por sentir-se só em sua prática e por ter que resolver sozinho as questões que venha a enfrentar. Isso tem uma implicação motivacional negativa no trabalho docente.

O professor desmotivado não procura por mudanças. E ao não buscar a modificação de sua prática, acaba por se enquadrar no papel mais comum da escola que é o da mera reprodução e assimilação de conteúdos. Sobre isso, Tharp et Al dizem o seguinte:

Resulta muito mais fácil ensinar de uma maneira rotineira, com níveis mínimos, porque desafiar os estudantes para estimular seu crescimento cognitivo exige que os professores se desafiem, se avaliem e se ajudem a eles mesmos conjuntamente com os estudantes. O custo percebido em relação ao esforço por parte dos professores ao preparar atividades cognitivamente desafiadoras impede frequentemente esta atividade. Porém este é o nível de atividade que pode outorgar vitalidade à profissão (e aos professores como indivíduos). (THARP et Al apud MARTÍNEZ, 2003, p 78)

A Escola Classe onde Carlos exerce seu trabalho possui 3 coordenadoras pedagógicas. Dessa maneira há um direcionamento para o trabalho docente. Por ser uma escola muito rígida, a Equipe Pedagógica procura controlar o que o professor irá fazer e como irá fazer em sua turma. Ao professor que procure trabalhar com certa autonomia recairá sempre um julgamento negativo. É comum que coordenadores acompanhem a rotina da sala para ver “como as coisas estão indo”. Na verdade, essa é escola é reconhecida na cidade de Sobradinho como referência no ensino público. Mas dentre os professores é conhecida pela fama de ser um “quartel general”. É raro encontrar professores que queiram ir pra lá ou mesmo continuar ali trabalhando. Na época de remanejamento é sempre a escola com o maior número de vagas na Regional de Sobradinho.

A direção e a coordenação da escola ao fiscalizarem diariamente o trabalho dos professores, acompanhando suas aulas, solicitando modificações, avaliando o modus

operandi, etc., acabam por deixá-los constrangidos e desmotivados pela falta de autonomia. É bastante comum escutar relatos de professoras que por lá estiveram dizendo que não existe liberdade do professor no trabalho empreendido com a turma. Dizem que o planejamento vem praticamente pronto e ao professor resta apenas aceitar. Ouve-se que ao professor não é permitido nem mesmo sentar-se durante as aulas e os alunos nem sair para beber água, motivo pelo qual a escola instalou um filtro em cada sala.

No presente ano, é nesse contexto que Carlos trava sua batalha pedagógica.

4.2 Caracterização Geral do Professor Carlos

Carlos Lima Campos nasceu em meados dos anos 80, precisamente em 10 de junho de 1982. Sua história tem uma forte ligação com o Piauí. Filho de Saturnino Campos de Melo e de Heloísa Bernadeth Lima Campos, ele se define como um homem de etnia “sertânica”. Seu pai nasceu em São João da Serra, à época uma chácara próxima à cidade de Castelo, no Piauí. Sua mãe nasceu em Tocantinópolis (que ficava no antigo estado de Goiás, hoje estado do Tocantis), seus pais, avós de Carlos, eram piauienses. Assim, as raízes nordestinas sempre estiveram presentes na família de Carlos.

Carlos é um homem simples. Costuma vestir-se com roupas largas, de tecidos naturais e nos pés calça chinelos. Em sua casa não existe fogão, geladeira ou cama. Desde sua adolescência, dorme em esteiras. É muito rigoroso consigo próprio, principalmente no que tange à alimentação. Ele não consome nada artificial, nada que dependa de geladeira para ser conservado e nada que tenha açúcar branco. Durante muito tempo alimentou-se apenas de alimentos crus, mas hoje abre exceção para alimentos integrais, legumes e verduras cozidas a vapor. Seus lanches geralmente resumem-se a frutas acompanhadas de castanhas ou granola.

O rigor do professor não está apenas na alimentação. Está nos pensamentos, nas atitudes, na meditação diária. Seu tempo livre é totalmente direcionado para a prática pedagógica, para leituras e estudos. É autodidata e julga-se capaz de construir seu próprio conhecimento, assim como tantos grandes homens fizeram ao longo da história da humanidade. Para ele, tudo o que se pode precisar parte de um livro, mas não necessariamente está no livro. Escutando sua fala, nota-se uma disciplina e um cuidado extremo com os pensamentos e as palavras que irá professar. Essa autodisciplina o acompanha também desde

a adolescência, mas ele passou a praticá-la com mais afinco quando conheceu seu grande professor, Bhagwan Sri Sathia Sai Baba.

Carlos vive sua vida para educar. Ao tornar-se professor abandonou amigos para dispor do tempo necessário para dedicar-se à docência. A educação e seus alunos são o maior estímulo que o professor possui em sua vida. Ele diz ter se encontrado ao tornar-se professor.

Apesar de ter abdicado dos amigos, possui uma relação muito próxima com sua família. Costuma alimentar-se na casa de sua mãe, que prepara a “comida específica dele”. Ele é o filho do meio, tem duas irmãs mais velhas e duas irmãs, gêmeas, mais novas que ele. Ao falar sobre a família, diz que ela sempre foi muito indígena, mesmo sem tomar conhecimento disso. Conta que ele e suas irmãs ficavam com a mãe, enquanto seu pai – bancário - saía para trabalhar.

Carlos foi feliz em sua infância, afirma ter tido bastante liberdade em casa. Contudo, relata isso dizendo ter sido feliz apesar das inúmeras brigas entre seu pai e sua mãe, demonstrando as discussões deixaram marcas.

Criado com certo rigor por ser o filho homem, relata ser esta a origem de sua primeira experiência significativa. Por ter sido um garoto muito solitário, teve uma infância solitária. Em seu lar, ele não possuía um quarto. Aliás, afirma que as quatro irmãs possuíam um quarto imenso quase do tamanho de uma casa, enquanto ele dormia no apertado escritório de seu pai. Esta experiência o marcou profundamente e tornou-se importante parte de sua constituição subjetiva. Ele se acostumou a dormir só, a estar só, a fazer tudo independente dos outros. Passou a ser natural em sua vida uma trajetória solitária. Reside também aqui a origem de seu autodidatismo. Carlos acostumou-se a buscar pelo que precisava sozinho.

Um segundo acontecimento importante em sua constituição psicológica aconteceu num dia em que sua mãe saiu de casa e ele ficou só com suas irmãs. Talvez querendo, inconscientemente, vingar-se de sua solidão, resolveu amedrontá-las. Para isso, ameaçou colocar fogo na cama delas. Infelizmente o que deveria ser uma brincadeira, acabou por tornar-se realidade. O fogo pegou nos colchões e acabou se espalhando por toda a casa. As crianças foram acudidas por um pintor e, fortuitamente, nada grave ocorreu. Como resposta a sua atitude, ele esperava uma grande surra. Contudo, seus pais nada disseram, apenas mostraram-se preocupados ao levarem-no ao auxílio de um psicólogo.

Em seus relacionamentos sempre houve um clima de insegurança. Ele relata que quando pequeno, perdeu-se num shopping da cidade e para encontrar sua mãe, gritava repetidamente seu nome: Heloísa. Isto virou hábito e ainda hoje Carlos a chama apenas pelo nome.

Na escola a insegurança se fazia presente na forma de violência. Ele estudava numa escola particular do Guará II, o Rogacionista, e era conhecido por ter “pavio curto”. Não se sentia à vontade na escola, pois achava que faltava carinho da parte dos professores. Quando sua família se mudou para o Plano Piloto, seus pais o matricularam numa escola pública alegando ser uma boa escola. Esse é outro aspecto importante na construção de sua subjetividade, pois após essa mudança traumática para uma escola pública e após enfrentar uma greve, sentiu-se totalmente abandonado e desestimulado. Essa experiência o marcou profundamente, pois a partir daí não mais obteve boas notas. Mas foi também na escola pública que Carlos teve seus maiores exemplos de convicção. Conta com admiração como teve contato com professores que queriam modificar a estrutura vigente e que acreditavam ferrenhamente naquilo que faziam. No ensino médio, quando estudava no CEAN - na asa norte - recorda-se de um professor que queimou um livro didático dizendo que aquilo era uma enganação. Os alunos saíram apavorados da sala de aula, enquanto ele ali ficou admirado com o ato simbólico do professor. Havia também, na mesma escola, um professor que oportunizava a leitura de obras orientais, algo que passou a agradá-lo. A partir daí, afirma ter começado a desenvolver seu espírito crítico.

Foi nesse misto de decepção, admiração, insegurança, descobertas e brigas que outro acontecimento marcante ocorreu. Carlos conta que num dia, brigando com um colega de escola, visualizou uma espécie de espelho sobre sua cabeça e escutou sua própria voz condenando seus atos. Ele afirma ter sentido pela primeira vez seu pensamento. Esse é um fato importante na constituição da personalidade do professor, pois a partir daí ele passou a refletir sobre seus pensamentos, palavras e ações. E essa é uma boa explicação para sua disciplina pessoal.

Conforme dito anteriormente, Carlos cresceu sentindo-se inseguro. Conta que ter tido dificuldades de se relacionar amorosamente por ser muito tradicionalista enquanto as demais pessoas eram modernas. Esse sentimento pejorativo em relação a si próprio começou a mudar quando ele teve contato com a música. Ele comprou uma guitarra, deixou o cabelo crescer e formou uma banda de rock. A fase da banda foi passando, mas Carlos sempre muito disciplinado e rigoroso consigo, treinava o dia todo ao violão. Nessa época, passou a meditar lá todos os dias às 6h.

Inicia-se então, uma nova fase: a da superação. A fase da modificação de sua condição de insegurança, de baixa autoestima, etc. Ele diz que o bom de ter tido algumas situações não muito bem sucedidas em sua trajetória pessoal é que passou a aceitar sua realidade e a se aceitar como era. A partir daí, deixou de ter vergonha de si mesmo e passou a fazer tudo em

que acreditava. Doou sua cama, passou a dormir em esteiras e chegou até a comer com as mãos. Tudo isso fazia muito sentido para ele, como se de fato houvesse se encontrado, mas sua família acabou achando que ele enlouquecera.

Nesta época, Carlos planejava tornar-se um musicista e treinava ao violão incessantemente. Isso acabou por ocasionar uma lesão crônica que o impediu de seguir profissionalmente na área. Foi esse um acontecimento chave, pois ele viu-se mais uma vez entristecido e desestimulado. Contudo, Carlos já havia incorporado à sua constituição subjetiva a busca da superação e o foco no futuro, uma autovalorização que apesar do momento difícil, serviram para ajudá-lo a entrar na fase acadêmica.

Alguns colegas o incentivavam a fazer algum curso na UnB. Qualquer um valeria desde que ele estudasse. Então, ele decidiu prestar vestibular para Pedagogia. Ao estudar qual seria o currículo do curso, teve a certeza de que faria aquilo para o resto de sua vida. Ele decidiu fazer o curso com calma para poder assimilar tudo o que estudaria. Contudo, sentiu a necessidade de viver suas raízes e decidiu alugar sua casa para financiar uma ida a o interior do nordeste. Ele acabou conhecendo todas as capitais e algumas cidades do interior, mas após 4 meses seus pais resolveram encontrá-lo e conseguiram trazê-lo de volta.

Esses acontecimentos demonstram a busca incessante por sua própria essência. Buscando entender-se, ele acabava por transformar quem era até então, e nesse movimento dialético de reconstituir-se a cada nova vivência, Carlos afirma ter sido transformado a ponto de não mais conseguir viver com sua família.

Foi então, que Calos devido ao seu grande interesse e paixão pela Educação, começou a planejar a construção de uma escola e de uma pedagogia. Depois de 6 anos e meio de curso, Carlos formou-se na UnB. Ele não fez uma monografia, como é comum nos trabalhos de conclusão de curso. Decidiu fazer, sob a orientação da professora Alexandra Rodrigues, um ensaio poético de 70 páginas escrito à mão. Achou que poderia reprovar, mas acabou sendo aprovado com nota máxima. Disseram a ele que esse foi o primeiro trabalho de conclusão feito em forma de poema e escrito à mão.

Quando faltava um ano pra terminar o curso, ele começou a procurar um terreno com nascente para construir uma escola (ele tinha ganhado um apartamento residencial na 708 norte e estava decidido a vendê-lo para construir a escola). Achou um terreno abandonado. A dona disse estar rezando para encontrar alguém disposto a fazer um trabalho social por lá. Ela falou que daria o terreno a ele caso ele se mostrasse capaz. Para isso, ele escreveu um livro e ela aceitou. Carlos começava a receber um retorno positivo de seu trabalho e seu modo de ser.

Carlos morou no terreno da área rural um ano e faltando um mês para a formatura, começou a construir a escola sustentável com recursos seus, de seus pais, de um amigo educador – Alan Jacob – e da proprietária. Um ano depois do início, a escola estava quase pronta. Ele iniciou aulas gratuitas de arte (música e desenho). Por não aceitar palpites para a escola, divergências aconteceram entre ele e os outros idealizadores do projeto. Então, ele achou melhor sair e mudar-se para Sobradinho sem nenhum retorno do que investiu.

O desânimo com a falta de sucesso de sua escola, o fez aprofundar ainda mais sua experiência religiosa. Buscando refúgio em seu professor, Carlos sentiu um chamado para ir à Índia. Sua primeira viagem para lá aconteceu em 2009. Em 2012 retornou para um Congresso de Matemática no qual participou como visitante. E lá passou também um tempo em um mosteiro. Nessa viagem Carlos estudou, de maneira aprofundada, a matemática e, ao retornar, trouxe os conhecimentos para a sala de aula.

Carlos, apesar de estudar bastante, não acredita em mestrado ou doutorado. Para ele todos são capazes de buscar, às suas maneiras, seus próprios conhecimentos e esses não necessariamente vem da academia. Ele não realizou nenhum curso de formação continuada e não pretende realizar estudos acadêmicos na área. Ele vai continuar seu aprofundamento teórico de maneira autodidata.

A história do Professor Carlos demonstra que desde cedo os grandes acontecimentos de sua vida foram se constituindo suas configurações subjetivas de pessoa criativa. Desde criança, ele dava indícios de sua persistência e, apesar de sua insegurança, demonstrava a grande força da sua individualidade. Assim, ele teve uma trajetória pessoal voltada para o autoestudo, para criação consciente e para a superação de dificuldades. O interjogo entre a subjetividade social dos espaços dos quais fez parte e a sua própria subjetividade pessoal, possibilitaram a Carlos exercer sua ação com o foco no futuro de seus alunos e de sua própria trajetória profissional. E toda essa vivência culminou na criação da Pedagogia ABACADA.

4.3 Descrição Do Trabalho Pedagógico Criativo

A Pedagogia Abacada

Desde a Faculdade Carlos iniciou a construção de uma pedagogia própria. Segundo ele, cada um tem uma pedagogia dentro de si. Por fazer parte de um grupo de amigos que se

chamavam pelo apelido de abacate, Carlos decidiu chamar inicialmente sua proposta de Pedagogia Abacade, ou seja, a sua própria pedagogia já que ele era também apelidado por abacate. Contudo, ele decidiu trocar o “t” pelo “d” pois assim, a Pedagogia Abacade faria referência às quatro letras iniciais do alfabeto: ABCD (ABaCaDe). Posteriormente, após a sugestão de uma ex-namorada, ele trocou o nome por ABACADA, assim ele partiria do “A” e voltaria ao “A” num movimento cíclico e ininterrupto. Essa ideia foi muito bem aceita por ele que além de ter gostado da sonoridade da palavra, gostou do fato de todas as vogais serem o A, a primeira letra do alfabeto. Assim, a letra “A” seria a origem de uma pedagogia que se desenvolveria sem perder suas raízes, seus princípios. Esses dizem respeito às raízes culturais de onde a pedagogia nasce, às virtudes e devem estar presentes em todas as etapas da proposta ABACADA. Carlos acabou descobrindo depois que ABACADA representa uma Forma Musical, onde cada letra é uma linha melódica. Então, 'A' a linha ou o tema fundamental da composição. Desta maneira, o termo consolidou-se e hoje ele diz realmente “adorar” essa palavra que consegue representar a pedagogia que ele traz dentro de si.

Pensando em sua proposta, Carlos elaborou a Casa Pedagógica. Essa “casa” tem como alicerce os “5 dedos da mão da vida”, são eles:

1. Princípios – É a etapa mais importante da formação. Os princípios dizem respeito ao estudo e à prática das virtudes. Deles derivam regras que precisam ser rigorosamente cumpridas em sala.
2. Dom – O professor precisa estar sempre atento para perceber a singularidade – a voz do Dom - de cada aluno. Carlos divide os Dons em outros 5 dedos que são as grandes áreas nas quais ele se sente preparado para trabalhar. São elas:
 - a. Arte - Música, Desenho, Poesia, Teatro e Artes de Guerra (Esporte e Artes Marciais)
 - b. Religião – Conhecimento das religiões; Mazdaísmo, Judaísmo, Cristianismo, Islamismo, Taoísmo, Budismo, Hinduísmo, Religiosidade indígena e africana.
 - c. Ciência – Estudo de Matemática, Mecânica e Eletricidade.
 - d. Política – A vivência de uma República em sala.
 - e. Docência – O professor precisa praticar o olhar sensível às singularidades dos alunos e a busca por aquele que se interessará por todas as áreas.

3. Inteligência – É a arte de buscar resposta e soluções sem o uso de livros, para isso ele criou seu próprio método pautado na Investigação da coisa (que cria um Dicionário novo), na Criação Poética, na Criação de Registro Histórico, na Criação de Calendário, na Criação de Sistemas Numéricos, na Criação de Calculadoras Manuais, na Criação de Língua (em processo) e no Desenho Mágico. Carlos possui um “software” para a Criação de Sistemas Numéricos e está pensando em outros. O objetivo disso é dar independência ao aluno.
4. Liderança – através das atividades de fala argumentativa e dissertativa em público, do exercício das seis chefias na República (a serem mais bem explicadas posteriormente) e das biografias de Grandes Homens, busca a liderança em seus alunos;
5. Conhecimento – trabalhado em 12 grandes áreas que correspondem às matérias escolares, mas com os seguintes nomes:
 1. Ascese Investigativa (seria a filosofia)
 2. Ascese Experimental (não há comparação)
 3. Ascese das Quantidades (seria a Matemática)
 4. Ascese do Som (a Música)
 5. Ascese da Representação pela Linha (o Desenho)
 6. Ascese dos Códigos (as Línguas)
 7. Ascese do Registro (a História)
 8. Ascese das Referências (a Geografia)
 9. Ascese do Movimento (a Física)
 10. Ascese das Relações (a Química)
 11. Ascese dos Organismos (a Biologia)
 12. Ascese da Sobrevivência (o Teatro, o Esporte e as Artes Marciais).

Essa proposta está ainda em caráter experimental. Carlos chegou a trabalhar com ela na escola construída na área rural, mas como professor da secretaria de educação ele a utiliza desde 2011. Até o presente momento, tem acontecido com algumas interrupções e algumas permanências, mas o professor tem persistido no que acredita e a cada ano busca aprender com a experiência anterior.

Carlos pretende fazer a ponte entre a sua pedagogia, chamada de ABACADA, e as exigências impostas pela Escola e pelo Currículo Oficial. Desde 2011, vem satisfazendo o “desejo dos pais” através das atividades e deveres para casa e, com isso, ganha a oportunidade de trabalhar paralelamente com sua pedagogia. Contudo, Carlos relata ter sido impedido, no primeiro ano, de trabalhar com praticamente tudo o que dizia respeito à ABACADA.

Em 2012, em outra escola classe, descobriu a obrigatoriedade da coordenação coletiva. Apesar de não possuir liberdade na escolha dos conteúdos foi uma boa experiência. Nas horas vagas em sala, depois de dado o conteúdo exigido na coordenação, eram trabalhadas novas coisas com os alunos. A República - forma de organização política da sala de aula que será detalhadamente descrita à frente - ainda clandestina, acontecia. Foi criado um ótimo time de basquete e nas recreações uma Banda. O projeto da banda não ocorreu como o esperado, então a ênfase foi Política e Desenho. Os professores dessa escola aceitavam melhor o professor e seu trabalho.

No meio do ano de 2012, Carlos foi para outra escola e lá teve total liberdade para colocar em prática seus planos pedagógicos. Foi feita a República, criou-se um grupo de Teatro (com Orquestra), foi ensinada a Matemática na Base 7 (inclusive com provas só na Base 7) e iniciou-se o uso do Soroban. O tempo foi pouco, mas a experiência constituiu-se num grande incentivo para o professor, pois além de ter confirmado positivamente alguns de seus métodos, ele teve liberdade para usar o tempo reservado para a coordenação coletiva no aprimoramento do trabalho com os alunos. Assim, professoras só coordenavam com ele para acertar o conteúdo de algumas provas.

No presente ano, 2013, após ter ido novamente à Índia, Carlos chega à escola onde atualmente leciona. Nesta escola, resolveu executar o que os estudos durante a nova viagem lhe disseram: a Criação de um Sistema Numérico. Carlos expôs sua intenção e percebeu estar num ambiente muito preso à sua rotina. Mesmo contra vontade da escola, teve início o trabalho com o uso do Soroban (antiga calculadora chinesa). Para isso, ele comprou 500 sorobans e emprestou um para cada aluno, iniciando o Projeto Criação de Sistemas Numéricos. Para isso, Carlos abriu mão também de seu tempo reservado, nas segundas-feiras a tarde, para estudos individuais. Assim, em vez de estar em casa praticando outras atividades pedagógicas, Carlos passou a estar na escola com os alunos. O mesmo aconteceu com o Projeto de Desenho, que passou a ocorrer nas sextas à tarde. Sem o conhecimento da escola, foi iniciado também o Coral (sempre nos 40 minutos finais da aula).

A Escola tomou conhecimento do Coral quando houve a Feira do livro. A turma apresentou-se com repertório popular e autoral (feito pelos alunos). Apesar de terem recebido

elogios, a escola solicitou que o trabalho fosse reduzido para 2 dias na semana sob a alegação de prejuízo aos conteúdos. Carlos fez um abaixo assinado com os pais, levou até a Regional de Ensino e continuou o trabalho, não mais de forma clandestina. A República foi descoberta no final do segundo bimestre quando sua prática já estava consolidada. Dessa maneira, a escola fez vista grossa e o trabalho teve continuidade.

A Coordenação, como dito anteriormente, na escola atual do professor Carlos é rígida e tem conteúdos fixos. Contudo, sua turma é conhecida por ser disciplinada e tem conseguido atender às exigências oficiais e ainda a conteúdos extras que o professor entende serem importantes para a formação de seus alunos, baseados nas 12 áreas do Conhecimento propostas na Pedagogia ABACADA. Na verdade, foi o sucesso dos resultados obtidos com o Coral e com o uso do soroban para a aprendizagem da matemática, quem desviou os olhares desconfiados do trabalho de Carlos. Assim, ele pôde incorporar à sua rotina diária, pelo menos 30 minutos de cálculos matemáticos, 30 minutos de poesia e 30 a 40 minutos de Coral. Hoje ele não se sente mais controlado pelo sistema e pretende inclusive acrescentar mais coisas da Abacada, como a criação de uma Língua. No próximo ano, então, além de novos elementos a serem incorporados na Abacada, a República – explicada em detalhes no próximo tópico - poderá acontecer de maneira legítima, pois a escola já aceita, frente aos resultados obtidos, sua realização.

Carlos entende que para se viver numa República, como é o caso do Brasil, é preciso entender como ela funciona. Para isso, a sala de aula é organizada como uma mini república onde existe até Constituição. O objetivo é fazer com que seus alunos conheçam a política vivenciando-a concretamente de forma a poderem exercer sua cidadania com consciência.

A cada ano, Carlos explica o funcionamento da República para a turma. Exemplos da Carta Magna – Constituição (Anexo 1) – são distribuídos e a turma marca uma data para o início das atividades. Contudo, antes de começarem as atividades republicanas, são distribuídos entre a turma os poderes e os órgãos. Acontece uma votação para a escolha dos cargos e dos chefes de cada Poder e de cada Órgão.

Na República a sala de aula se organiza como um Estado. Existem os três poderes harmônicos e independentes – Judiciário, Legislativo e Executivo. Existem dois órgãos, o Banco e a Imprensa, que costumavam atuar sob a chefia do Estado, mas neste ano tornaram-se independentes.

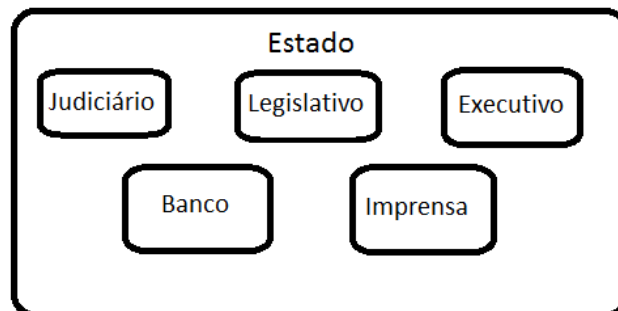
O Professor é o Chefe de Estado, ele é o chefe maior da República. Sua função é a de Conselheiro Geral. Assim, ele aconselha os cidadãos e os chefes, intervindo quando for

estritamente necessário. Ele deve sentar-se, preferencialmente num canto da sala, pois ao centro deve sentar-se o Chefe do Governo.

Após realizada a escolha para os cinco chefes, dos três poderes e dos órgãos independentes - Imprensa e Banco – é escolhido, dentre eles, o Chefe de Governo. Naturalmente, para o Chefe de Governo há o acúmulo lícito de duas chefias.

Ao encarregado governamental é reservado o centro da sala de aula. Assim, o professor fica em um papel secundário, no canto, enquanto o Chefe de Governo senta-se na frente para reger a turma. É sua função também auxiliar todos os órgãos e poderes, representar o professor quando preciso e cuidar da sala quando o professor estiver ausente. O Chefe de governo, sob a atenção constante do professor, tem poderes para indicar advertências, solicitar o envio de bilhetes aos pais (ele indica e o professor escreve) e, inclusive, enviar alunos para a coordenação. É importante salientar que apesar de possuir plenos poderes, o Chefe de Governo trabalha ao lado do professor, assim tudo o que ocorre está sob sua supervisão. Os outros chefes também podem disciplinar as pessoas sob sua gestão.

A seguir visualiza-se de forma sintática a estrutura da República:



As Chefias da República tem mandato bimestral, após isso novas eleições são convocadas e novos chefes eleitos pela turma. Todos os alunos têm funções na estrutura republicana, porém nem todos chegam a exercer uma Chefia.

Cada dia da semana uma Chefia e seu Órgão estão em destaque. Resumidamente eles funciona assim:

- Judiciário

O Judiciário serve para julgamentos sobre os conflitos existentes na sala. O dia dos tribunais é quinta-feira. No Judiciário, todas as decisões são colegiadas e ninguém pode

desrespeitar as instâncias. É importante salientar que para processar alguém é necessário comprar, com a moeda fictícia da República, uma ficha de petição.

Esse poder possui dois tribunais.

O primeiro tribunal é o Tribunal de Conciliação. Os alunos recorrem a ele para resolver problemas de ordem civil, ou seja, problemas comportamentais, entre os colegas, etc. Ele é composto por um Conselho Conciliador que possui 5 membros, com votos que valem mais ou menos de acordo com a função ocupada.

Esse tribunal deve julgar e solucionar as questões que chegam até ele. Para acioná-lo é preciso preencher uma Ficha de Processo do Conselho. Todos os envolvidos podem falar e podem ser apresentadas testemunhas. Em caso de condenação, o réu pode recorrer ao Supremo Tribunal.

O segundo tribunal é o Supremo Tribunal da República que é também composto por 5 membros, com suas respectivas funções e valores de votos diferenciados. A este tribunal cabe o julgamento em segunda e última instância do que não foi resolvido pelo Tribunal de Conciliação. Cabe ainda julgar o mau cumprimento de quaisquer servidores ou chefes da República. Pode haver advogado ou não no julgamento, fica a cargo do réu esta escolha.

As sanções dos tribunais variam de leve a grave. São sanções financeiras, assim os condenados pagam uma multa na moeda utilizada na República, que se chama MRD (Moeda da República Democrática). Podem também ser condenados a ficar sem recreio, a levar um bilhete na agenda ou ainda a ficar em isolamento na sala.

Existe ainda no Judiciário um Conselho de Constitucionalidade, composto por um fiscal. Este deve montar um livro de Leis da escola e garantir que nenhuma Lei elaborada no Parlamento agrida uma lei maior. Caso isso aconteça, ele tem o poder de levar o caso ao Supremo através da ficha Ação Declaratória de Inconstitucionalidade.

- Legislativo

É o poder que faz as Leis, através do Parlamento. O Parlamento acontece nas quartas-feiras. As Leis são mostradas para as Câmaras A e B, compostas por meninas e meninos respectivamente. Após aprovada nas duas câmaras, a Lei é assinada pelo chefe de Estado.

Esse poder acaba encontrando limitações na estrutura maior do colégio e algumas Leis não podem vigorar. Os alunos, ano após ano, reclamam que esse poder não possui autonomia. Contudo, como o projeto ainda não foi aceito por toda a escola não há como extrapolar as Leis maiores.

As sessões duram no máximo 30 minutos e as votações de Lei acontecem, como dito, no dia do Parlamento que é às quartas-feiras. Existem Leis Ordinárias e Emendas Constitucionais. É possível reformar uma Lei.

Caso exista a necessidade de decisão sobre algum assunto não previsto nas Leis, o professor tem a função de decretar as ordens.

- **Executivo**

É responsável por tudo o que envolve a ação concreta na sala (fila de alunos, distribuição do lanche, leitura diária do hino, cerimoniais, organizar a arrumação da sala).

Na terça-feira, o Chefe de Governo lê o hino (tendo sempre, ao lado, o Chefe do Executivo) em frente à Bandeira da República. Os cargos podem variar de acordo com a realidade de cada sala. Podem haver outros, mas geralmente os cargos deste poder são:

- **Chefe do Executivo** – Quem garante a ordem, coordena as atividades do seu e dos outros poderes, responde por eventuais falhas.
- **Ministro da Organização**– Administra a limpeza e ordem da sala. O lema desse cargo é: “a sala sempre deve ser entregue em estado igual ou melhor do que a encontramos; nunca pior”.
- **Ministro de Arquivamento**– Registra tudo o que acontece no Poder Executivo. Guarda as fichas já preenchidas; guarda a avaliação geral dos servidores,
- **Ministro da Segurança**– Administra o comportamento dos alunos com sua ficha que entrega ao seu chefe (e este entrega diretamente ao Chefe de Estado); é o único cargo que pode processar os chefes dos poderes e os chefes dos órgãos (junto com o Chefe de Estado).
- **Ministro do Aprendizado**- Elabora listas de quem não cumpre com as tarefas de casa, elabora lista de quem necessita de auxílio pedagógico e propõe alunos para sentarem e auxiliarem os com dificuldades.

- **Banco**

Tem a função de distribuir os salários mensalmente ou semanalmente àqueles que trabalharam em seus cargos. A quantia mensal de cada servidor é de 20,00 MRDs, mas eles tem recebido semanalmente, o que soma a quantia de 5MRDs por semana. A impressão de MRDs é de função do banco que deve carimbar cada nota com um selo de autenticidade. Segue abaixo um modelo de MRD:



O banco conta com chefe do banco, gerente, descontador, tesoureiro e empresário. Cada um tem sua função, dentre elas gerenciar as contas de cada servidor, descontar dos salários quantias determinadas pelos Chefes, criar um fundo em real e em MRD, vender produtos em MRDs. Cada servidor do Banco tem uma ficha específica para anotar suas atividades, são elas: Ficha de Desempenho, Ficha de Registro de Contas, Ficha de Registro do Tesouro, Ficha de Registro e Cobrança e Ficha de Preços.

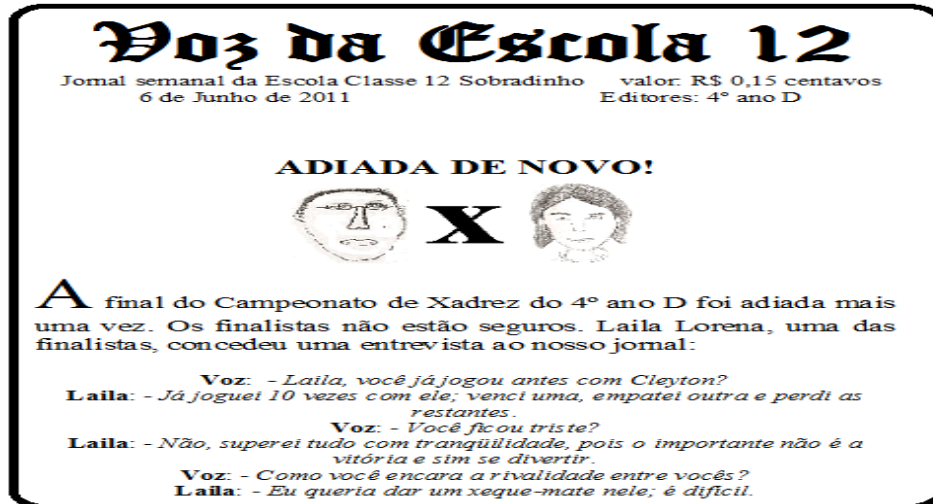
As atividades bancárias costumam acontecer às sextas-feiras. Existe um mercado na sala com artigos variados, em sua maioria escolares. Esse ano, por exemplo, havia 60 gibis, castelos de brinquedo, pastas de couro, livros, enciclopédias, tinta aquarela, cursos de desenho e muitas coisas. Por não ter espaço para armazenar tudo, foi permitida a todos os alunos a compra de mercadorias. As vendas chegaram a ser feitas a prazo e uma aluna inventou um cartão de crédito, quando a moeda estava acabando. Os preços dos produtos são ajustados pelo Banco de acordo como mercado.

- **Imprensa.**

O serviço de Imprensa elabora, apresenta e vende o Jornal da República. O jornal deve ter 4 notícias semanais, uma nacional, uma distrital, uma da sala de aula e uma opcional. Assim, para a produção das notícias são necessários os seguintes cargos: Chefe de Imprensa, Jornalista Nacional, Jornalista Distrital, Jornalista da Sala e Jornalista Espontâneo. Ao Chefe de Imprensa cabe receber as matérias dos jornalistas, verificá-las gramaticalmente e produzir o texto jornalístico. Contudo, quem digita e imprime o Jornal é o Professor (Chefe de Estado).

A venda dos exemplares costuma acontecer às segundas-feiras. O preço, em Reais, costumava ser de R\$ 0,10 (ou R\$ 0,15), mas a partir do segundo semestre, foi permitida a compra em MRDs.

Segue uma imagem da capa de um Jornal produzido no ano de 2011.



A República conta ainda com eleição para escolha de uma Bandeira e um Hino, ambos elaborados pelos alunos. Assim, geralmente às terças-feiras, o Chefe de Governo lê o hino (tendo sempre, ao lado, o Chefe do Executivo) em frente à Bandeira da República. A turma toda participa desse momento.

Com o intuito de proporcionar uma educação musical a seus alunos, o professor Carlos iniciou neste ano de 2013, a formação de um Coral e uma Orquestra. Ele acredita que para que a música seja realmente incorporada à vida dos alunos, é necessária uma vivência musical diária de aspectos práticos e teóricos.

Inicialmente os 30 minutos finais das aulas eram reservados para o Coral e para um alongamento vocal. Contudo, os alunos sugeriram a utilização também do horário de recreio para realizarem testes de talentos instrumentais. Terminados os testes, o recreio passou a complementar os ensaios.

O trabalho teve início apresentando algumas canções populares à turma. O professor começou tocando A Casa, de Vinícius de Moraes, mas logo a turma passou aos trabalhos autorais. Devido ao sucesso nas apresentações, o número de participantes no Coral crescia a cada dia. Foram levados instrumentos para a escola e para atender a demanda foram comprados, com recursos próprios, 30 Pífanos, alguns Apitos de aves e uma Lira (mais tarde comprou-se ainda um Xilofone, uma Gaita, um Pandeiro e uma Escaleta).

Os pífanos acabaram por tornar-se o carro chefe desse trabalho. No recreio, alunos de várias turmas procuravam a classe de Carlos para aprender o instrumento. O professor estimulava ainda mais a participação emprestando, para levar para casa, o pífano a quem ensaiasse por pelo menos duas semanas e presenteando com o instrumento os alunos que conseguissem fazer algum improviso musical.

A primeira apresentação do Coral, que três dias antes dessa data foi nomeado de “Coral São”, aconteceu na Feira de Livros promovida pela escola. A turma solicitou um espaço na programação para uma apresentar-se. Até então, a Direção sabia que eventualmente eles cantavam em sala, mas ninguém imaginava que havia um Coral bem estruturado sendo organizado. O Coral São apresentou 7 músicas com o auxílio de um Tambor Tupã (grave), uma caixa de apitos de aves e efeitos, um pífano e dois grupos vocais. Testemunhas, dentre elas pais, equipe pedagógica e os próprios alunos, contam que essa apresentação emocional a todos. Existe até um vídeo caseiro feito por uma pessoa da plateia.

A turma teve seu primeiro reconhecimento através de um convite, já na semana após a Feira, para apresentar-se no lançamento de um livro no Teatro de Sobradinho. Teve origem o primeiro DVD do Coral. A reação do público foi tão forte que o editor do DVD quis retomar o contato com a turma para entrevistar cada membro do Coral São. A partir daí, vários convites foram feitos ao professor e sua turma.

Hoje o trabalho com o Coral tem alguns princípios orientadores. Segundo Carlos, são os seguintes:

- Os educandos têm de compor músicas próprias e obras musicais;
- As primeiras músicas formais do Coro devem estar, preferivelmente, na Escala Pentatônica (pelos motivos de surgir naturalmente na Série Harmônica - no Ciclo de Quintas - e aparecer em várias culturas ancestrais da Terra (como a Chinesa e a dos indígenas brasileiros);
- Entre os instrumentos de iniciação musical, é importante privilegiar aqueles que imitam sons da natureza (Aerofones e idiofones de animais e minerais) e os acústicos;
- Os instrumentos da Orquestra não devem exigir altas habilidades de execução, para que permitam uma iniciação musical sem obstáculos;
- Os instrumentos melódicos devem facilitar a execução de um Tom específico. Os ideais são: Aerofones (Apitos de Aves, Pífanos, Escaleta), Membranofones (Zabumba, Alfaia, Pandeiro), Idiofones sem notas definidas (Prato, Reco-reco, Claves, Imitadores de animais), Idiofones com notas definidas (Xilofone, Lira, Agogô) e Cordofones (Violão preparado (em afinações abertas), Harpa "Paraguaia").

- A Orquestra deve-se valer de um Membranofone grave (para marcar o Tempo 1 dos Compassos) e de um Membranofone agudo (para marcar as contraposições do tempo 1 dos Compassos básicos);
- A Pauta é o Registro musical e como tal deve entrar no ensino da música após as experiências de criação musical espontânea e improvisação, embora desde o início, o educando deve entrar em contato com ela (mas sem exercitá-la);
- O professor deve escrever ou decorar contracantos (feitos por ele ou pelos alunos) para as canções do Coral;
- As canções populares e eruditas escolhidas devem representar, com excelência, as raízes das culturas regionais do país;
- As canções, na medida do possível, devem ser traduzidas para variados idiomas.

Para atingir os objetivos da Educação Musical Carlos utiliza estratégias como Alongamento Vocal, Regência rítmica dos Compassos Binário, Ternário e Quaternário, a Respiração Diafragmática e Gestualizações. Conta com auxílio de CDs (que possuem gravações de karaokês editadas em áudio e separadas. Há faixas com os acordes do violão, com a melodia principal e com os contracantos) e com auxílio do Livro Didático do Coral e da Orquestra (elaborado pela turma e com explicações teórico-científicas sobre os instrumentos, com as letras em inglês e português, com partituras e com a marcação das sílabas referentes ao Compasso).

O Coral São e a Orquestra Mãe Terra já contaram com 61 alunos de 4 turmas diferentes, contudo hoje as professoras de outras turmas decidiram retirar seus alunos sob a alegação de que eles estavam perdendo conteúdos. Então, hoje, tem 33 alunos sendo apenas 3 de outras turmas.

Os pais também passaram a participar e chegaram a doar as camisetas para uniformizar as apresentações. Vale dizer que o logotipo do Coral foi elaborado por eles.

Ao ser questionado sobre o que pensa sobre a matemática, Carlos responde que a matemática antes de ser número, é uma tentativa humana de captar o cérebro do universo, buscando assim a sua própria perfeição. Para ele, o sistema numérico é uma balança que demonstra claramente o aumento e a diminuição da vida, representando assim o trânsito universal. A matemática é como Deus, não possui forma. Por isso, houve a necessidade da invenção dos algarismos para representá-la. Carlos entende que o número principal, ou seja, a

Base no qual se baseia um sistema numérico, é uma estratégia para uma grande quantidade disfarçar-se de 1.

Sobre a origem da matemática, ele fala que é a mais importante das línguas e que foi inventada por sábios e não por cientistas. Muito antes da invenção dos algarismos (corpos utilizados para a visualização dos números), a matemática já era realizada. Fala, por exemplo, de grandes matemáticos gregos, antes mesmo da época de Cristo, que não calculavam. Eles se ocupavam apenas das relações e proporções entre as formas e a natureza dos números, o que chama de matemática ontológica. Após esta, surgiu a matemática memorial e apenas posteriormente a matemática ensinada hoje, que é a matemática técnica. Salaria que alguns de seus alunos já conseguem captar este entendimento.

Segundo Carlos, o sistema numérico para ser operável necessita de uma calculadora manual. O Soroban é a mais famosa e pragmática calculadora manual decimal. Ele é um ábaco japonês, mas que tem origem no Suan Pan chinês. É ainda pouco utilizado no Brasil, mas no Japão, por exemplo, as crianças aprendem dos 5 aos 8 anos, na escola, a utilizá-lo.

A fama do soroban deve-se, entre outras, à responsabilidade sobre o resultado. Em vez de a máquina proceder aos cálculos e encontrar a resposta, é a pessoa que o manuseia quem efetua todo o procedimento. Dessa maneira, ele contribui para o exercício mental, aumentando a atenção e a concentração de quem o utiliza.

O uso do soroban é bem complexo para quem não o conhece. Ele possui 5 contas distribuídas em 17 colunas. Há, em cada coluna, uma conta superior que possui o valor 5 e 4 contas inferiores cada uma valendo 1. Através do treino aprende-se rapidamente como utilizá-las para efetuar cálculos numéricos.

Carlos inventou uma maneira de utilizar o soroban em sala. Ela permite a visualização da decomposição numérica, ou seja, quando se multiplica 13×12 , por exemplo, visualiza-se o 10 e o 3 formando 13, assim como o 10 e o 2 formando o 12. Assim, na hora de calcular, pode-se multiplicar primeiro as dezenas e depois as unidades. Vê-se e entende-se o processo de decomposição. Mas, segundo Carlos, o mais interessante é que, tendo peças no valor 1 e 5, acaba-se por perceber as nuances que os divisores da Base (quantidade principal do sistema numérico) têm na matemática.

As aulas de matemática/soroban são diárias e tem a duração entre 30 e 40 minutos. No início do ano letivo as Naturezas do Número são explicadas (par ou ímpar, primordial ou composto, positivo ou negativo, perfeito ou não perfeito, etc). Carlos elaborou um conteúdo intitulado Ancestralidade do Número e através dele ensina quem são os avós, avôs, primos, etc. de cada número provando consistentemente o que ensina. As aulas são sempre baseadas

em uma história inventada por ele. No momento ele está trabalhando a porcentagem e muitos de seus alunos já internalizaram o processo. Ele levou à escola jogos matemáticos para vários alunos (de outras salas, inclusive) jogarem no recreio, vários tabuleiros de Xadrez, 2 torres de Brahma, 8 tangrams, mais de 10 argolas, 5 cubos desmontáveis e outros ainda. Carlos segue o currículo oficial, mas afirma transcendê-lo, pois seus alunos, lembrando que são de uma turma de 4º. ano sabem, por exemplo:

- calcular as 4 operações com fracionários (até o milésimo);
- efetuar as quatro operações com frações;
- calcular área e perímetro;
- calcular o perímetro do triângulo retângulo com o Teorema de Pitágoras;
- reconhecer números quadrados e cúbico;
- biografias de grandes matemáticos;
- fazer álgebra (nem todos aprenderam, pois foram apenas 3 aulas);
- sabem construir sistema numérico posicional (os que participaram de um projeto específico).

Cinco dos alunos de Carlos escreveram livros sobre matemática este ano e fizeram seus próprios sistemas numéricos. Isso acabou por mudar suas vidas, pois hoje são capazes de entender, de operar matematicamente fazendo, inclusive, contas realmente extensas. Ele gostaria de estender essa criação a todos da escola, mas diz encontrar barreiras na coordenação, direção, etc. que desconhecem a importância desta proposta.

Ainda sobre a matemática, Carlos é autor de um livro sobre a Filosofia da Matemática. Esse ano escreveu também três livros matemático-literários artesanais. São eles: “O Homem que Vivia Só”, “A Semente que Vivia Trancada Dentro da Minha Mão Fechada” e “A Ampulheta de Trápedas”. Existe um quarto livro literário, mas ainda não possui título. Ele elaborou também alguns livros didáticos: “O Motor Natural – Ontomátema”, “O Motor Natural – Memomátema” e “O Motor Natural – Matemática”. Os dois primeiros livros literários foram impressos com recursos do Professor e distribuídos na escola.

4.4 Impacto do Trabalho Pedagógico no Desenvolvimento e Aprendizagem dos Alunos

A primeira reação de quase todas as pessoas que tem contato com o trabalho do Professor Carlos é de estranheza. Nota-se certo desconforto com a modificação da rotina existente no trabalho pedagógico escolar. Acontece que pais, alunos e colegas de trabalho não têm condições de entender o trabalho dele apenas em alguns dias. Apesar disso, Carlos continua com seu trabalho pedagógico transformador e, não demora muito, os sujeitos envolvidos percebem os benefícios de sua proposta.

Em algumas conversas com ex-colegas de Carlos, pude perceber um misto de falta de entendimento e admiração. Alguns poucos colegas disseram frases pejorativas sobre ele, mas nenhuma delas se referia ao seu trabalho, constituíam-se mais em uma espécie de preconceito devido a seu modo diferente de ser. Em uma conversa com uma de suas ex-diretoras isso fica bem evidente. Segundo seu relato:

Não tenho o que reclamar do trabalho dele. A parte pedagógica era muito boa. Nunca tive reclamações de colegas sobre o que ele fazia. Sei que ele dava aulas de esporte e de música - os alunos amavam. A turma dele não era fácil. E ele não precisava trazer nenhum menino aqui pra gente. Os pais elogiavam o que eles (os alunos) aprendiam. Mas eu tive umas reclamações de uns pais que diziam que ele era doido. Porque ele (Carlos) é radical. Não tem geladeira, só come coisa crua e dorme no chão.

Nota-se nas palavras de sua ex-gestora que o trabalho do Professor Carlos, apesar de ser realizado em uma turma “problemática”, acontecia satisfatoriamente tanto para a escola quanto para os pais. A ressalva feita por ela, citando alguns pais, não diz respeito a nada explicitamente pedagógico, mas ao modo de vida escolhido por ele.

O Projeto do Coral tem mostrado a todos a capacidade criativo das crianças que dele participam. No Projeto apresentado ao MEC para concorrer ao Prêmio Brasil Professores em outubro de 2013, Carlos relata as conquistas que o Coral trouxe. Relata a superação da inibição e da timidez dos alunos, fala sobre os trabalhos autorais de alunos que escrevem canções e poesias. Há, por exemplo, um aluno com Lábio Leporino que iniciou o canto no Coral e disse que conseguiu aumentar sua voz – conquista que Carlos atribui ao trabalho da respiração diafragmática. É relatada também a melhora da autoestima de um portador de hidrocefalia que, antes do Coral, era bastante retraído. Evidencia-se, ainda, o reconhecimento

do valor do Coral através de um “recado” repassado pela Regional de Ensino que informou ao Professor que o Governador do DF e o Secretário de Educação haviam recebido um DVD do Coral São e da Orquestra Mãe Terra e estavam orgulhosos de seu trabalho.

Em relação ao trabalho com o Coral, pude observar o entusiasmo e a grande motivação dos alunos. Eles, por exemplo, faziam questão de cumprir com suas obrigações em sala aguardando ansiosamente o momento do ensaio. O fato de crianças de uma turma de 4º. ano do ensino fundamental estarem compondo letras, melodias e tocando instrumentos é uma comprovação inegável do sucesso desse projeto. Tudo isso pode ser comprovado através do Livro Didático do Coral (Anexo 2), onde constam os trabalhos autorais e através dos DVDs com as apresentações da turma. Há ainda uma matéria no site da Secretaria de Educação onde constam três fotos sobre a apresentação da turma de Carlos e do Coral São na abertura da IV Conferência Infantojuvenil pelo Meio Ambiente (Anexo 3). Na matéria consta o seguinte texto onde são feitos elogios a respeito da apresentação:

A abertura oficial contou com uma apresentação musical, que deixou os presentes emocionados. Alunos da Escola Classe 01 de Sobradinho, que integram o Coral São e Orquestra Mãe Terra, sob a regência e violão do professor Carlos Campos, soltaram as vozes em peças autorais e de músicos conhecidos. Campos afirma que acredita na sustentabilidade e com a arte apoia o tema, agregando amor ao que faz. “Desenvolvo este trabalho com alunos do 4º ano do ensino fundamental e para chegar a este resultado, ensaiamos 30 minutos todos os dias”, explica.

Sobre os resultados obtidos com a Educação Matemática, Carlos organizou, no primeiro semestre deste ano, um torneio chamado Tórnate, cujo Edital consta no Anexo 4. O objetivo da competição foi o de mostrar na prática, para toda a escola, os benefícios do uso do soroban na aprendizagem matemática. Assim, participaram 90 alunos do 4º. ano, destes, 30 usavam o soroban todos os dias, 30 o utilizavam 3 vezes por semana e 30 não conheciam o soroban. Os resultados evidenciaram o sucesso do trabalho pedagógico do Carlos pois os 3 primeiros colocados usavam soroban. O 1º e o 3º lugar foram de alunos do Carlos que usavam diariamente o soroban e o segundo lugar foi de uma criança da professora Thais a quem Carlos emprestou 30 sorobans para as aulas de matemática.

O torneio teve 4 fases: memória de números, desenho de equilíbrio, cálculo no papel e cálculo mental, conforme consta no edital. A seleção dos participantes foi realizada em cada turma, ou seja, a primeira e a segunda fase eram realizadas entre alunos de uma mesma classe.

Carlos relata ter sugerido essa estratégia, pois caso a seleção fosse geral, seus alunos seriam os únicos selecionados, posto estão num nível mais avançado que o restante da escola. Os resultados obtidos constam, ainda, no folder do III Circuito de Ciências das escolas Públicas do DF (Anexo 4).

Segundo a análise realizada pelo professor (Anexos 5 e 6), através de entrevistas com os pais e alunos, sobre interesse e desempenho do filho em relação ao ano passado:

- **para 17 pais**, o aluno progrediu;
- **para 1 pai**, o aluno manteve o interesse e desempenho;
- **para 0 pais**, o aluno piorou.

Os alunos, ao serem questionados sobre seu interesse e desempenho em matemática em relação ao ano passado, disseram o seguinte:

- **para 23 alunos**, houve progresso;
- **para 6 alunos**, o progresso permaneceu na média;
- **para 1 aluno**, houve retrocesso.

Sobre os benefícios da República, fica evidente, através das observações realizadas, que os alunos de Carlos entendem sobre o funcionamento político-democrático. Quaisquer reivindicações que precisem fazer são realizadas através das instâncias estabelecidas na Constituição da República Democrática. Eles falam que no início achavam estranho, mas quando perceberam que realmente não era o professor que ia “mandar” e que eles decidiriam as coisas eles passaram a acreditar na República. Percebe-se claramente que esses alunos não tem medo nem vergonha de se pronunciar em sala. Assumem o papel central nas aulas, exercitam a fala ao público, exigem seus direitos e posicionam-se ao não cumprimento de alguma Lei. Nota-se uma maior independência do professor e uma responsabilidade em relação às suas obrigações escolares e nas funções exercidas na República raramente vistas em uma turma de 4º. Ano. Fica também inegável a personalização que estes alunos fazem dos conteúdos apresentados em sala, pois este ano, as crianças conseguiram transcender o que lhes foi ensinado e construíram os seus próprios sorobans sem base decimal. Segundo o professor, o soroban é a calculadora mais pragmática e conhecida, mas seus alunos conseguiram elaborar calculadoras manuais ainda melhores.

Carlos relata que a escola, hoje, percebeu através dos resultados obtidos pelos alunos, que seu projeto é válido. Assim, ele conta entusiasmado que no próximo ano, a República terá início desde o começo do período letivo de maneira legítima sem precisar esconder-se clandestinamente em sala de aula. O Coral continuará, assim como a Orquestra e a Educação matemática através do uso do soroban. A Pedagogia ABACADA terá algumas modificações pois incluirá novos elementos.

Ainda sobre a avaliação devem ser salientados alguns aspectos como o Vestibulinho e o Trabalho Integral.

O Vestibulinho é uma prova acadêmica interdisciplinar, e com gabarito, aplicada semanalmente. O objetivo é estar alinhado às complexas avaliações contemporâneas - vestibulares e concursos.

O Trabalho Integral é um trabalho acadêmico, mas com uma forte presença da subjetividade. Ele é regido por um edital onde consta que o aluno deve fazer Capa, Folha de rosto, Índice, Introdução, “Matéria”, Considerações finais e Referências Bibliográficas. As matérias são sugeridas pelos alunos e distribuídas em blocos, assim:

- Bloco A - Princípios - Texto dissertativo sobre um grande homem;
- Bloco B - Arte - 10 desenhos, 10 poesias próprias, uma peça de teatro;
- Bloco C - Ciência - 8 problemas matemáticos, texto dissertativo sobre o Ciclo da Água, 8 textos narrativos;
- Bloco D - Política - Texto Argumentativo (como se você fosse candidato a diretor do colégio), texto dissertativo sobre a República em sala.

Há ainda a possibilidade dos alunos fazerem o trabalho sobre outros temas de seu interesse, desde que aprofundem as análises. Houve, por exemplo, 5 alunos que pediram para fazerem óperas.

Os pais têm demonstrado grande interesse nesse trabalho e inclusive incentivado os filhos encadernando com capa dura, etc.

4.5 Fatores que Possibilitam a Expressão Criativa de Carlos

Sabe-se que há muito implicado num fazer criativo. Retomando o que foi trazido neste trabalho, a Criatividade, é um processo complexo da subjetividade humana (Mitjans Martínez,

2001), que, por sua vez, constitui-se na união da subjetividade individual com a subjetividade social.

Partindo dessa perspectiva, quais são os fatores que possibilitam a expressão criativa do Professor Carlos?

Bem, para entender como se constituíram as configurações criativas de Carlos, é importante rever sua história.

Carlos teve, desde sua infância, uma trajetória solitária. Acostumado a estar e sentir-se só, viveu muitas de suas experiências mais significantes de maneira bastante introspectiva e solitária. Juntando isso ao fato de não ter seu próprio quarto, habitando assim a biblioteca de seu pai, Carlos acabou tendo condições sócioambientais favoráveis para voltar-se aos estudos. Por ter, ainda, questões familiares mal resolvidas, como a rejeição que sentia em sua família por ser único homem e por não receber a atenção que suas irmãs recebiam, Carlos sentia-se inseguro em seus relacionamentos afetivos. Mantendo essa questão em segundo plano, acabou por proporcionar o tempo necessário para constituir-se em uma pessoa autodidata. Ainda hoje, seus amigos, reclamam que ele “os abandonou” por conta profissão. Para Carlos, simplesmente, não há como se dedicar para uma docência transformadora sem abdicar de alguns relacionamentos. Mas isso não é de hoje, tem explicações nos relacionamentos que teve e como isto se constituiu em sua personalidade.

Outro aspecto esclarecedor que implica num alto nível motivacional, característica comum aos profissionais criativos, é a trajetória vivenciada por ele na escola. Segundo os acontecimentos marcantes na fase escolar, citados por ele, a falta de carinho na primeira escola, a sensação de abandono e decepção na escola pública e ao mesmo tempo os exemplos de convicção e de rejeição de alguns itens “sagrados”, como a queima de um livro didático, uniram-se num interjogo dinâmico formador de sua subjetividade pessoal. Tudo isso somado à sua rigorosa disciplina pessoal, fruto de estudos orientais e de sua meditação diária, constituíram-se numa vontade de fazer diferente. Assim, Carlos acabou por ter uma forte vontade de transformar a realidade e ao entrar para o curso de Pedagogia viu que isso tudo poderia e deveria ser feito através da Educação.

Carlos possui hoje, um conceito positivo de si e de seu trabalho. A força de sua individualidade criativa acabou concretizando-se na Pedagogia Abacada. Ao ver que era capaz de criar sua pedagogia de acordo com o que ele acredita, Carlos reforçou ainda mais sua força criadora. Ele escreve livros, músicas, inventa novas metodologias pedagógicas e pensa em aperfeiçoar a cada ano, seu trabalho. Assim, ele demonstra ter, além de uma orientação para o futuro, uma forte orientação para criar.

As dificuldades enfrentadas pelo professor ao longo de sua vida, e de seu trabalho, serviram para fazê-lo perseverar. Ele tem algo dentro de si que o move frente à superação de dificuldades. Foi assim quando, por exemplo, resolveu deixar de lado os problemas sócio-relacionais e passou a usar sua solidão para meditar, estudar, criar, foi também assim quando descobriu que não mais poderia dedicar-se a seguir uma carreira profissional na música, quando se viu obrigado a abandonar, por alguns momentos, seu trabalho pedagógico transformador, etc. Carlos não se deixa levar pelas adversidades, tem dentro de si uma orientação muito presente para superar-se em sua prática a partir do que vivencia com seus alunos.

Seja a subjetividade social propícia ou não, Carlos subjetiviza isso a seu favor. Numa postura realmente de resiliência, ele transforma aspectos negativos num grande estímulo para fazer diferente. E caso haja estímulos positivos, ele os utiliza da melhor maneira para transformar a vida e aprendizagem de seus alunos.

Nesse misto de configurações subjetivas pessoais e sociais, o Professor Carlos constituiu-se e se constitui a cada nova ação em prol do desenvolvimento de seus alunos em um Professor Criativo.

5. CONCLUSÕES

Há uma condição para algo ser considerado, de fato, criativo: a produção de uma novidade com algum tipo de valor reconhecido. Dessa maneira, uma pessoa para ser criativa precisa criar algo que se constitua valioso dentro de uma determinada área. No caso do fazer pedagógico, seu valor deve residir em, algum benefício para a aprendizagem e o desenvolvimento dos alunos. Um professor para ser considerado criativo precisa, através de sua prática, criar uma maneira nova de realizar o trabalho pedagógico e, assim, modificar positivamente a aprendizagem e o desenvolvimento dos sujeitos com quem divide a sala de aula.

Após o presente estudo, percebe-se que Carlos é um Professor Criativo. Ele é autor de uma proposta pedagógica própria que busca oportunizar às crianças com as quais trabalha uma nova posição no processo educativo. Para isso, cumpre com as exigências do currículo oficial, mas as extrapola em inúmeras ocasiões por não julgar serem suficientes para a formação humana. Essa postura dele pode não parecer novidade, pois a ênfase na escola hoje, já não mais reside apenas em conteúdos. Fala-se muito em educação para a vida, em trabalhar a cidadania, em oportunizar ao aluno um papel tão central quanto o do professor, fala-se que professor e alunos aprendem juntos interagindo, etc. Muito se fala, mas pouco se faz! Carlos, entretanto, inova em sua proposta, inova em seus objetivos de longo e curto prazo (há de fato uma preocupação com a formação do cidadão), inova em sua maneira de realizar o trabalho pedagógico e acaba assim, transformando a si e a seus alunos.

Percebe-se, ainda, que Carlos atende às orientações gerais elaboradas por Mitjans sobre o Sistema Didático Integral para Contribuir ao Desenvolvimento da Criatividade. Para isso, ele modifica objetivos e discute, através da República e de suas Leis, quais devem ser as metas e como essas devem ser trabalhadas. Da mesma maneira, entram os conteúdos diferenciados, inclusive alguns sugeridos pelos alunos, e que transcendem o currículo oficial.

As estratégias utilizadas para o ensino são transformadoras, pois o trabalho docente está organizado de maneira a ficar “em segundo plano” enquanto que o papel central fica com os próprios alunos que ensinam-se uns aos outros sob a supervisão e direcionamento docente.

A natureza das atividades é distinta posto que não segue os padrões do que vem sendo feito na escola. É justamente o contrário, não há medo de inovar, pois Carlos sabe o valor que seu trabalho possui. As aulas iniciam-se comumente com histórias para contextualizar o

assunto e os temas são problematizadores, o que faz o aluno debruçar-se sobre o conteúdo aprendendo-o e formulando novos conhecimentos a partir dele.

Sobre as bibliografias Carlos utiliza, conforme exposto ao longo deste trabalho, livros autorais seus e de seus alunos, assim como busca suporte em fontes não muito comuns - como é o caso das literaturas orientais. Assim, ele desenvolve com a turma um material didático personalizado, próprio e autoral. Junto à seleção de material, a orientação dada ao aluno, quanto à maneira de se confrontar com o que estudou, centra-se não na simples compreensão do que foi lido, mas à busca crítica construtiva de outras abordagens, outras maneiras de se ver o problema em questão, outras hipóteses, etc. (Leitura Criativa)

O processo avaliativo formal possui marcas próprias. Carlos instituiu um “Vestibulinho” e um “Trabalho Integral”. Para ele, a competitividade do mundo contemporâneo não pode ser descartada. Assim, ele diz não trabalhar com a utopia de um mundo diferente, mas sim com a idéia de que nesse mundo atual se precisa resgatar a importância da conduta humana acima de tudo.

O ponto mais ilustrativo do trabalho pedagógico do Professor Carlos é o modo como ele se relaciona com seus alunos e como eles se relacionam com ele. Há, de fato, uma relação de reciprocidade e respeito, posto que os alunos não se encontram numa posição subalterna ou de submissão. Eles estão em sala de aula num clima confortável e amigável, onde há exigência do cumprimento das obrigações escolares mas que há também o entendimento de que eles são sujeitos, são pessoas com coisas a serem ditas e ouvidas. Eles estão num ambiente onde as relações são horizontais e não verticais. Tudo isso propicia uma autonomia ao estudante que passa a exercer seu papel ativo em seu processo de aprendizagem.

O estudo sobre o Trabalho Pedagógico Criativo empreendido pelo Professor Carlos acabou tornando-se o ápice dos conhecimentos adquiridos ao longo do curso de Pedagogia. Foi muito válido presenciar dentro de uma escola pública, um fazer docente criativo. É positivo ver que, apesar das adversidades da profissão, há quem viva com fé na modificação da escola e de suas relações. Observar Carlos em ação, foi a prova mais contundente que tive, de que a teoria estudada na graduação pode tornar-se viva!

Este estudo de caso pode ser uma ótima leitura para quaisquer profissionais da educação interessados em transformar a vida de crianças através de uma educação democrática onde tem oportunidade de serem sujeitos ativos de sua aprendizagem. Num momento em que o fantasma do fracasso escolar ronda, principalmente, a escola pública. A criatividade emerge como uma alternativa possível para a superação das dificuldades de aprendizagem.

PARTE III

EXPECTATIVA PROFISSIONAL

Esse trabalho é, não o último, mas o primeiro passo rumo à minha formação profissional. Tenho incrível paixão pela educação e espero ser uma professora que, assim como Carlos, transforme um pouquinho a cada dia a vida das crianças. Para isso, pretendo aprimorar minha formação acadêmica e a conclusão da formação em Pedagogia é apenas o início desta trajetória.

Minha atual atividade profissional é de monitora do ensino especial, na Secretaria de Educação do DF e, apesar de exercer atividades típicas da docência, não tenho a possibilidade de exercê-las com autonomia nem de ter uma turma para acompanhar durante o ano todo. Minha atividade consiste em ensinar algumas poucas crianças em dias alternados da semana. Mesmo assim, minha profissão já me rendeu grandes alegrias como, por exemplo, a de alfabetizar crianças portadoras de necessidades especiais. Já fui nomeada professora de Educação Básica duas vezes aqui no DF, mas essas foram tornadas sem efeito porque, por eu não ter concluído a graduação. Dessa maneira, é ainda um grande sonho ser aprovada no concurso para a carreira magistério na Função de Professora das séries iniciais. Pretendo atuar em turmas de alfabetização, pois sinto ser essa minha grande vocação. Quero paralelamente ingressar no mestrado e desenvolver um trabalho investigativo sobre a História da Alfabetização no DF.

Não tive a oportunidade de fazer parte de um grupo de pesquisas durante o presente curso. Tenho muito receio disso me atrapalhar a seguir a carreira acadêmica. Infelizmente, por trabalhar em tempo integral na SEDF, não tive tempo para vincular-me a alguma linha investigativa. Contudo, pretendo já no próximo ano, licenciar-me para investigar como tem acontecido a alfabetização de crianças aqui no DF desde o início da construção da capital. Senti falta desse estudo em minha formação, pois julgo extremamente pertinente compreender como e porque chegamos à atual organização política e pedagógica do Bloco Inicial de Alfabetização e, quiçá, propor um novo caminho que consiga constituir-se mais efetivo e criativo. O caminho pode ser o de entrar como aluna especial para entender como funciona a pesquisa acadêmica ou cursar primeiramente uma especialização. Isso será melhor definido após a conclusão do curso, pois envolve questões financeiras.

Quero muito que minha carreira acadêmica seja ininterrupta. Gosto muito de estudar, sinto a necessidade de estar em grupo, compartilhando minhas inquietações e aprendendo junto com quem se interessa pela Educação. Assim, pretendo após iniciar minha atividade de pesquisadora no mestrado chegar ao doutorado. Esse é um sonho que devo à minha formação acadêmica e aos meus professores doutores que tanto me inspiraram ao longo do curso.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- [ALENCAR, E. S.](#) ; MARTÍNEZ, Albertina Mitjás . Barreiras à expressão da criatividade entre profissionais brasileiros, cubanos e portugueses. In: Eunice Soriano de Alencar. (Org.). Criatividade e educação de superdotados. Petrópolis: Vozes, 2001, v. , p. 99-116.
- http://www.soroban.org/hist_origens.shtml
- MARTÍNEZ, Albertina Mitjás . A criatividade na escola: três direções de trabalho . Linhas Críticas (UnB), Brasília, v. 8, n.15, p. 189-206, 2003.
- _____ . Aprendizagem criativa: desafios para a prática pedagógica. In: Claudio Pinto Nunes. (Org.). Didática e Formação de Professores. 1ed.Ijuí: Unijuí, 2012, v. , p. 93-124.
- _____ . **MARTÍNEZ, Albertina Mitjás** . Criatividade no trabalho pedagógico e criatividade na aprendizagem: uma relação necessária ?. In: Maria Carmen V.R. Tacca. (Org.). Aprendizagem e Trabalho Pedagógico. 1ed.Campinas: Alínea, 2006, v. 1, p. 69-94.
- _____ . Criatividade, Personalidade e Educação. Campinas: Papirus, 1997.
- _____ .La interrelación entre investigación psicológica y práctica educativa: un análisis crítico a partir del campo de la creatividad. In: DEL PRETTE, Z. (Org.). Psicología escolar/educacional, saúde e qualidade de vida: explorando fronteiras, Campinas: Átomo, 2001.
- OLIVEIRA, Lucilena Marcondes Coelho de. Educação infantil e criatividade: percepção de professores. Campinas – PUC-Campinas, 2006.
- REY, F.L.G. **La cuestión de La subjetividad em um marco histórico – cultural**. Psicologia Escolar e Educacional, Campinas, vol. 2, n. 3, p.229-246, out. 1998.

ANEXOS

ANEXO 1 – CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA DEMOCRÁTICA

CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA DEMOCRÁTICA



Texto Constitucional Outorgado* em Março 2013.

O texto foi Outorgado e não Promulgado porque os alunos ainda desconhecem as formalidades do Estado (e uma Assembleia Constituinte exigiria experiências que são inviabilizadas pelo tempo).

No entanto, este Texto Constitucional se apresenta com uma Estabilidade Flexível, disponível à emenda por parte de todos os participantes da sala. Embora esta Carta seja Outorgada, a República que regulamenta não tem característica ditatorial. Seu Conteúdo é Material, contendo apenas o essencial; sua Finalidade é sintética e sua Elaboração é Dogmática.

TÍTULO I DOS PRINCÍPIOS, DIREITOS E DEVERES FUNDAMENTAIS

Art. 01 – Esta República visa desenvolver o educador e os educandos, de modo que alcancem a excelência nos campos:

- I – moral;
- II – vocacional;
- III – cultural;
- IV – organizacional;
- V – racional.

Art. 02 – A Forma de Governo é a **República**; a Forma de Estado é a **Unitário Simples**; o Regime Político é a **Democracia Direta**.

Art. 03 – Cada aluno tem o dever de cumprir seu cargo com a máxima excelência

TÍTULO II DA ORGANIZAÇÃO DA REPÚBLICA

Capítulo I

Art. 03 - A República é organizada em 1 Chefia de Estado e os 3 Poderes da República (o Poder Judiciário, o Poder Legislativo e o Poder Executivo). Depois que todos os Chefes de Poder são eleitos, os participantes da sala escolhem, por eleição, um dos três para ser o Chefe de Governo.

Capítulo II - Da Chefia de Estado

Art. 04 - A Chefia de Estado é exercida pelo professor. Sua função é:

- I – representar a sala na Escola;
- II – ensinar todas as matérias com excelência aos alunos;
- III – dar reforço aos alunos que necessitem;
- IV – dar bom exemplo.

Art. 05 - Os órgãos da Chefia de Estado são:

- I – o Banco da República Democrática;
- II – A Imprensa da República.

BANCO DA REPÚBLICA DEMOCRÁTICA

Art.06 - O Banco da República Democrática é composto:

- I – pelo Chefe do Banco;
- II – pelo Gerente;
- III – pelo Descontador;
- IV – pelo Tesoureiro;
- V – pelo Empresário.

Art.07 - A função do Banco é:

- I – pagar a cada servidor da sala a quantia mensal de R\$ 20 MRDs (Moeda da República Democrática); cabe ao Chefe do Banco;
- II – gerenciar as contas dos servidores da sala; cabe ao Gerente;
- III – retirar das contas ou descontar dos salários dos servidores da sala as quantias determinadas pelos Chefes de Poder ou pelo Chefe de Estado; cabe ao Descontador;
- IV – criar um fundo em Real e em MRD; cabe ao Tesoureiro;
- V – vender objetos em MRD; cabe ao Empresário.

IMPrensa DA REPÚBLICA

Art.08 - A Imprensa da República é composta por:

- I – pelo Chefe de Imprensa;
- II – pelo Jornalista Nacional;
- III – pelo Jornalista Distrital;
- IV – pelo Jornalista da Sala;
- V – pelo Jornalista Espontâneo.

Art 09 - A função da Imprensa da República é:

- I – apresentar um jornal impresso por semana contendo 4 notícias: uma nacional, uma distrital, uma da sala e uma opcional. O Chefe de Imprensa receberá as notícias dos Jornalistas, corrigirá gramaticalmente o texto e fará o Jornal.

Capítulo III – Da Chefia de Governo

Art.10 - A Chefia de Governo é exercida por um dos Chefes dos 3 Poderes. A função do Chefe de Governo é:

- escolher representantes para servidores ausentes;
- ajudar a administrar a República;
- a de representar a sala quando o professor não puder;
- administrar a República na ausência do Chefe de Estado.

Art. 11 - Para ajudar a administrar a República, ele recebe os poderes:

- I – de ter prioridade na votação de suas leis;
- II – de ter prioridade nos processos que encaminha;

III – de poder atuar na Imprensa e no Banco e de poder seleccionar servidores para ajudar qualquer órgão.

Capítulo IV – Do Poder Judiciário

Art. 12 - Os órgãos do Poder Judiciário são:

I – o Supremo Tribunal da República;

II – o Conselho de Conciliação;

III – o Conselho de Controle de Constitucionalidade.

SUPREMO TRIBUNAL DA REPÚBLICA

Art. 13 - O Supremo Tribunal da República é composto por:

I – pelo Ministro-juiz;

II – pelo Conciliador;

III – pelo Conselheiro;

IV – pelo Fiscal;

V – pelo Recebedor de processos.

Art. 14 - A função do Supremo Tribunal da República é:

I – julgar alunos e professor quando são acusados de não correto cumprimento de seus cargos;

II – receber processos dos alunos e do professor sobre não correto cumprimento dos cargos por parte de qualquer servidor da sala;

III – julgar em segunda e última instância os conflitos não resolvidos pelo Conselho de Conciliação.

Art. 15 - As sessões funcionarão assim:

- quando alguém quiser processar qualquer participante da sala (pelo mau cumprimento do cargo), deverá preencher a Ficha de Petição. O Recebedor marcará com o Ministro-juiz um momento para julgar o caso. O réu não poderá recorrer.

- o acusador falará primeiro. O advogado, escolhido para o réu (que pode escolher não ter advogado), falará em seguida. O réu falará por último. Após ouvirem todos, o Ministro poderá ouvir testemunhas. Assim, os cinco membros votarão a favor ou contra o réu.

O voto do Ministro vale 4 pontos;

o voto do Conciliador vale 2 pontos;

o voto do Conselheiro vale 1 ponto;

o voto do fiscal vale 1 ponto;

o voto do Recebedor vale 1 ponto.

Escreveremos no quadro: de um lado “absolvido”; do outro “condenado”. Cada membro votará e os pontos serão contados, decidindo o destino do réu.

Após a 1ª votação, haverá a votação pela sentença da pena, caso o réu tenha sido condenado. A penas pode ser LEVE, MÉDIA e GRAVE, com uma quantia de D\$ para cada uma:

LEVE – D\$ 2,00

MÉDIA – D\$ 5,00

GRAVE – D\$ 10,00

Fora a multa, os ministros podem restringir certos direitos ou aplicar outras punições, como:

- perda do recreio;
- bilhete aos pais (encaminhado ao professor);
- isolamento periódico na sala etc.

CONSELHO DE CONCILIAÇÃO

Art. 16 - O Conselho de Conciliação é composto por:

- I – pelo Conciliador;
- II – pelo Ministro-juiz;
- III – pelo Conselheiro;
- IV – pelo Fiscal;
- V - pelo Recebedor de processos.

Art. 17 - A função do Conselho de Conciliação é:

- I – descobrir soluções para o conflito civil, ou seja, para os problemas pessoais entre os participantes da sala;
- II – receber processos sobre acusações civis.

Art. 18 - As sessões do Conselho de Conciliação funcionarão assim:

- quando alguém quiser processar qualquer participante da sala (por mau comportamento), deverá preencher a Ficha de Processo do Conselho. O Recebedor marcará com o Conciliador um momento para julgar o caso. O réu poderá recorrer.

- o acusador falará primeiro. O Conselheiro falará depois. O réu falará por último. Após ouvirem todos, o Conciliador poderá ouvir testemunhas. Assim, os cinco membros votarão a favor ou contra o réu.

O voto do Conciliador vale 4 pontos;
o voto do Ministro vale 2 pontos;
o voto do Conselheiro vale 1 ponto;
o voto do Fiscal vale 1 ponto;
o voto do Recebedor vale 1 ponto.

CONSELHO DE CONTROLE DE CONSTITUCIONALIDADE

Art. 19 - O Conselho de Controle de Constitucionalidade é composto por:

I – um Fiscal.

Art. 20 - A função do Conselho de Controle de Constitucionalidade é:

I – analisar se as leis feitas pelos parlamentares não agridem as leis da Constituição da Sala, da Escola, do Distrito Federal e da Constituição do Brasil. Uma lei da sala não pode agredir uma lei maior;

II – ensinar aos alunos o funcionamento do Poder Judiciário na República Democrática.

Se o Fiscal decidir que sim, levará o caso ao Ministro que, se concordar, terá de cancelar aquela lei, através da Ficha de ADI (Ação Declaratória de Inconstitucionalidade).

O Fiscal deverá montar um livro de leis do Colégio

Capítulo IV – Do Poder Legislativo

Art. 21 - O órgão do Poder Legislativo é o Parlamento da República.

Art. 22 - O Parlamento da República é composto:

I – pelo Chefe do Legislativo;

II – pelo Chefe da Câmara A (dos meninos);

III – pelo Chefe da Câmara B (das meninas);

IV – pelo Organizador de leis;

V – pelo Reparador Legislativo.

Art. 23 - O Chefe da Câmara A (Senado) recolhe as leis feitas no Senado; o Chefe da Câmara B recolhe as leis feitas na Câmara; eles corrigem os defeitos das leis (ortografia, caligrafia...) e encaminham as leis ao Chefe do Legislativo, que enumera cada uma para saber a ordem de votação. Se a lei for aprovada, o Chefe do Legislativo a encaminha para o Organizador de leis, que irá colocá-la em um código ou reformar a Constituição. Como muitas leis que já existem não estão na Constituição, o Reparador deve acrescentá-las. Ele encaminha seus documentos, com o aval do professor, ao Organizador de leis.

Capítulo V - Do Processo Legislativo

Art. 24 - As sessões parlamentares acontecem uma única vez na semana, num prazo máximo de 30 minutos. Quando uma pessoa entrega a lei ao Chefe da Câmara A ou da Câmara B, qualquer pessoa (dessa mesma câmara) pode pedir a lei e entregar uma proposta de reforma; a reforma só é aceita se o autor da lei concordar.

As leis devem ser entregues na segunda-feira aos Chefes de Câmara; estes devem entregar ao Chefe do Legislativo até quarta-feira. As sessões de votação acontecerão na sexta-feira. Depois que a lei é entregue ao Chefe do Legislativo, não pode mais ser reformada.

A lei, se aprovada, passa a valer na segunda-feira seguinte. Se a lei for reprovada, será arquivada pelo Arquivador-Geral da República. Para ter validade, a lei deve ter a assinatura do Chefe de Estado.

Há dois tipos de lei: Emenda (que tenta mudar a Constituição) e Lei Ordinária (qualquer outra).

Para uma lei ser aprovada, deve ser aprovada primeiro pela Câmara por mais da metade dos presentes (Maioria Simples). Se não for aprovada na Câmara, nem é votada pelo Senado.

Se for aprovada na Câmara, deve ser votada no Senado e será aprovada por Maioria Simples.

Se a lei for uma Emenda, precisará ser aprovada por Maioria Absoluta.

Capítulo VI - Do Poder Executivo

Art. 25 - Os órgãos do Poder Executivo são:

- I – o Ministério da Organização e Limpeza (Ministro da Organização e Limpeza);
- II – o Ministério de Arquivamento e História (Ministro de Arquivamento e História);
- III – o Ministério da Segurança (Ministro da Segurança);
- IV – O Ministério do Aprendizado (Ministro do Aprendizado).

MINISTÉRIO DA ORGANIZAÇÃO E LIMPEZA

Art. 26 - As funções do Ministério da Organização e Limpeza são:

- I – elaborar um calendário com nomes de pessoas de toda a sala para varrerem e organizarem as carteiras;
- II – coordenar a arrumação e limpeza.

MINISTÉRIO DE ARQUIVAMENTO E HISTÓRIA

Art. 27 - As funções do Ministério de Arquivamento e História são:

- I – registrar a História semanal da sala; arquivar leis reprovadas, processos judiciais, lista de bagunça;
- II – elaborar um calendário com nomes de pessoas de toda a sala para registrarem a história da semana.

MINISTÉRIO DA SEGURANÇA

Art. 28 - As funções do Ministério da Segurança são:

- I – entregar ao Chefe do Executivo lista com nomes de alunos que fizeram bagunça na semana (com dia e tipo de bagunça);
- II – processar os Chefes de Poderes e dos órgãos do Estado (é o único que pode fazer isso).

MINISTÉRIO DO APRENDIZADO

Art. 29 - As funções do Ministério do Aprendizado são:

I – entregar lista semanal para o Chefe do Executivo com os nomes das pessoas que, sem justificativa, não fizeram o dever de casa;

II – entregar lista semanal ao Chefe do Executivo com nomes de pessoas que não estão bem em qualquer matéria; a lista será encaminhada ao professor;

III – mudar pessoas de lugar para ajudarem outros nos deveres de sala.

Art. 30 - O Chefe do Executivo não só coordenará os serviços do seu Poder, mas de todos os Poderes.

Art. 31 - Se o aluno(a) não cumprir direito com o seu papel, deverá sofrer punições como perder MRD, perder o direito de comprar na Empresa, perder o direito temporário de voto no parlamento, perder parte do salário, perder o cargo ou todas essas penalidades juntas.

Os Ministros encaminharão os nomes dos alunos(a) que não cumprirem suas funções ao Chefe do Executivo, que decidirá a pena e que poderá trocar as funções.

TÍTULO III DOS OUTROS ASSUNTOS

Art. 32 - Haverá eleição de hino, símbolo e bandeira.

Art. 33 - Enquanto não haja lei, o Chefe de Estado terá o poder de decretar ordens sadias para a boa condução do processo escolar.

É obrigação, de todos os participantes da República, anotar na sexta-feira:

I- a quantia em MRD, Real e Dólar do Tesouro da República...

ANEXO 2 – LIVRO DIDÁTICO DO CORAL

Coral São e Orquestra Mãe Terra

Guia do Coral e da Orquestra

Professor Carlos Campos



2013 – Professor Carlos Lima Campos

SEDF

Contatos: abacada.nada@gmail.com

Dicas para o Coral e sobre como usar este guia do Coral:

- Sempre escreva a lápis neste guia, pois os arranjos podem mudar.
- Saiba que sempre daremos prioridade a músicas compostas pelo próprio grupo; são as músicas que precisaremos treinar mais.
- Você precisa treinar diariamente para estar pronto para o Coral; adquira o cd de treinamento.
- Nas letras das músicas, as sílabas em negrito representam o Tempo 1 (e o sinal ‘●’ representa o Tempo 1, mas quando não há ninguém cantando).
- O Tambor Tupã (ou o tambor grave, se houver) marcará sempre o Tempo 1.
- Existe uma seção de exercícios no fim do livro.

Noções para você refletir sobre

Andamento – é a pulsação constante da música.

Compasso – quando um dos pulsos é acentuado e cria-se um ciclo.

Nota musical – é um som disciplinado, que, ao vibrar, ‘vai e volta’ sempre na mesma distância.

Melodia – é a sucessão de notas; uma nota depois da outra.

Uníssonos – todos cantando juntos a mesma melodia (pessoas ou instrumentos).

Contracanto – união de duas ou mais melodias, cada uma independente da outra.

Compasso Binário – Quando um pulso do Andamento é acentuado (a cada dois pulsos, fazendo um Ciclo de ‘dois em dois’); Forte, fraco, Forte, fraco, Forte, fraco... ou **1, 2, 1, 2, 1, 2...**

Compasso Ternário - Quando um pulso do Andamento é acentuado (a cada três pulsos, fazendo um Ciclo de três em três); Forte, fraco, fraquíssimo, Forte, fraco, fraquíssimo, Forte, fraco, fraquíssimo... ou **1, 2, 3, 1, 2, 3, 1, 2, 3...**

Compasso Quaternário - Quando um pulso do Andamento é acentuado (a cada quatro pulsos, fazendo um Ciclo de quatro em quatro); Forte, fraco, fraco, fraquíssimo, Forte, fraco, fraco, fraquíssimo, Forte, fraco, fraco, fraquíssimo... ou **1, 2, 3, 4, 1, 2, 3, 4, 1, 2, 3, 4...**

Composição básica da Orquestra

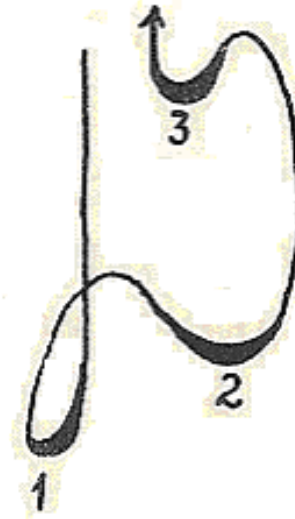
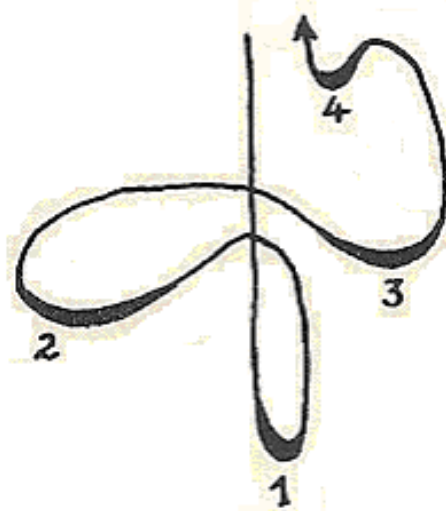
Membranofones – instrumentos cujos sons são produzidos por membranas (Tambor Tupã, Atabaque, Pandeiro).

Idiofones – instrumentos cujos sons são produzidos pelo corpo do próprio instrumento (Lira, Xilofone, Maracá, Pau de Chuva, Matraca, Clave, Triângulo, Agogô, Reco-reco).

Cordofones – instrumentos cujos sons são produzidos por cordas (Violão, Piano, Harpa).

Aerofones – instrumentos cujos sons são produzidos pelo ar (pífano, flautas, sax, digeridu, apitos de aves).

O Professor ou os líderes do Coral poderão controlar as vozes dos grupos através de uma regência rítmica; essa Regência rítmica será feita com a mão nos seguintes sentidos:

Compasso Binário**Compasso Ternário****Compasso Quaternário**

Cada música começa num determinado tempo; assim, se o Regente faz uma curva na altura do umbigo, ele estará sinalizando o Tempo 1. A curva na altura da cabeça será sempre o último tempo (se o Compasso for Binário, o último tempo será o Tempo 2; se o Compasso for Ternário, o último tempo será o Tempo 3; se o Compasso for Quaternário, o último tempo será o Tempo 4).

Você deve aprender a fazer a regência e sempre treinar cantando e regendo ao mesmo tempo. É fácil: nas letras das músicas, as letras ou sílabas em **negrito** são sempre o Tempo 1.

Nossas Músicas

- 1 - A árvore especial – Marina Abreu
- 2 - As pétalas de rosa – M. Abreu, M^a Pereira, A. Oliveira e C.Campos
- 3 – As folhas – Marina Abreu
- 4 - A floresta azul – José Abacateiro
- 5 – Rondó do sol em Dó

Músicas de outros compositores

- 1 - Te ofereço Paz – VálterPini
- 2 - A Casa – Vinícius de Moraes
- 3 - Meninos – Juraildes da Cruz
- 4 - Certos amigos – Expresso Rural
- 5 - Benkê – Milton Nascimento
- 6 - Preta, pretinha – Luiz Galvão
- 7–Riacho de areia – Música folclórica do Vale do Jequitinhonha
- 8 - Cuitelinho –Música folclórica do Pantanal
- 9 - Desenredo – Paulo César Pinheiro e Dori Caymi
- 10 – Água – Regina Rosa
- 11 – O canto do povo de um lugar – Caetano Veloso
- 12 -Bolero – Maurice Ravel
- 13 – Jesus, alegria dos homens - Bach
- 14 – Araruna – índios Parakanã – Marlui Miranda
- 15 – Bachianas n. 5 – Heitor Villa-lobos

Escreva a lápis os nomes das pessoas dos seguintes grupos:

Grupo A	Grupo B

Abertura:

Amanhecer

Apitos de pato:

Galos:

Apito 1:

Apito 2:

Apito 3:

Apito 4:

Apito 5:

Fechamento:

Anoitecer

Apito de coruja:

Apito 1:

Apito 2:

Apito 3:

Apito 4:

Apito 5:

Sapo:

A árvore especial

Quaternária, Dó maior

1ª parte:

2ª parte:

Cênicas:

1ª parte:

Quero voar com as folhas em cima de uma árvore especial

Em um **dia** ensolarado, em um **dia** ensolarado

Em um **dia** chuvoso vejo a árvore especial

So--zinha

Vou até lá, vou até lá

Pego uma fruta e planto uma nova árvore es---peci--al

Para que ela não fique sozinha

2ª parte (Uníssonos):

I want to fly with the leaves upon a tree, a special tree

On a sunny day, on a sunny day, on a rainy day I look the special tree

And it is alone I go there, I go there

I pick up a fruit, I want to plant a new tree, a special tree

So it will not be alone

As Pétalas de rosa

Quaternária, Ré maior

1ª parte:

2ª parte:

Cênicas:

1ª parte:

As pétalas de **rosa caem** sobre o **chão** Todas rosadas, **todas** coloridas, **espalham-se** pelo **chão** O vento as leva **pelo ar, pelo ar, pelo ar, pelo ar** ● As pétalas rosadas **caem** sobre a minha **mão, caem** sobre a minha **mão, sobre** a minha **mão** A árvore espinhosa das **pétalas** de rosa **mora** no meu **coração** Nenhuma pessoa **deve** deixar de **ver** a beleza das **flores** no ar **Das flores** no **ar** (4 vezes)

2ª parte (Unísson):

los pétalos de rosa caen sobre el suelo
 todos rosados, de todos los colores derraman-se por el suelo
 el viento los lleva por el aire, por el aire, por el aire, por el aire
 los pétalos rosados caen en mis manos,
 caen en mis manos, caen en mis manos
 el árbol espinoso del pétalos rosados
 vive en mi corazón
 nadie en este mundo puede dejar de mirar el bello:
 las flores al aire las flores al aire (4 veces)

As folhas

Binária, Dó maior

1ª parte:

2ª parte:

Cênicas:

1ª parte:

Folhas brancas voando no céu com ventos bem leves •

Uma menina que cantava por aí ouviu o vento leve •

Via folhas brancas no céu, • a menina as seguia •

e encontrava um lugar mágico • •

de---le---gri---a (3 vezes)

2ª parte:

White leaves flying in the sky with so light winds

A little girl that sings for a while heard that light wind

She used to see white leaves in the sky

And she used to follow them

And she used to find a magical place

Of joy (3 times)

A Floresta Azul

Quaternária, Lá maior

1ª Parte:

2ª Parte:

Cênicas:

1ª parte:

- Dentro de **mimeu** sei que existe uma Floresta Azul ● e ela é **assim**, então – o
- E nela **brota** o infinito Eu, ● numa explosão: a **paciência** ●
- Silenciosa é a flor da **vida**, mas quando **surgem** os pensamentos e como **nunca** se viu, a
- vida **brota** ao vento; ●
- a vida é **lágrima** que faz meu **sorriso** e **constrói** em mim o seu **rio**. ●
- A crian---ç**avem** preparada pela vida, ● quando **germina** a semente, a água é **tão** gentil;
- o **senhor** da Primavera **mandou** em mim seu **forte** vento de **chu** ---- **va**

2ª parte:

Te ofereço Paz

Quaternária, Dó maior, Melodia Pentatônica

1ª parte:

2ª parte:

Cênicas:

1ª parte:

- Te ofereço **paz** ● Te ofereço **amor** ● Te ofereço amizade
- Ouço tuas **necessidades** ● Vejo tua **beleza**
- Sinto os teus **sentimentos**
- Minha **sabedoria** flui ● De uma fonte **superior**
- E **reconheço** esta fonte em **ti**

●Trabalhemos **juntos**, trabalhemos **juntos**

2ª parte:

I offer you peace I offer you love I offer my friendship

I know what you need

I see your beauty, I'm feeling your feelings

My son, my wisdom flows from a superior source

And I can see this source in you

Let's work together, let's work together

A casa

Ternária, Dó maior

1ª parte:

2ª parte:

Cênicas:

1ª parte:

Era uma **casa** muito engraçada Não tinha **teto**, não tinha **nada**

Ninguém **podia** entrar nela, **não** Porque na **casa** não tinha **chão**

Ninguém **podia** dormir na **rede** Porque na **casa** não tinha **parede**

Ninguém **podia** fazer **pipi** Porque **penico** não tinha **ali**
 Mas era **feita** com muito **esmero** Na rua dos **bobos**, número **zero**

2ª parte:

Meninos Binária, Ré maior

Apitos:

Cênicas:

Vou pro campoNo campo tem **flores** **As flores tem mele** mais à **noitinha****Estrelas no céu, no**
céu, no céu • •

No **céu** da **boca** da onçaé**escuro****Não cometa não cometa** Não **cometa fuo****Pimenta malagueta**
 não é **Pimentãotão, tão••**

Vou pro campo**Acampar** no **mato** No mato tem **pato** **Gato, carrapato** Canto de cachoei--
ra••Dentro d'água **Pedrinhas redondas** Quem **não** sabe **nadar** Não caia **nessa onda****Que a**
cachoeira é funda• **E afunda••**

Eu**não** sou **tanajura** Mas eu **crio** **asas** **Com** os **vagalumes****Eu quero voar, voar, voar. . .••**
O céu estrelado hoje é **minha casa****Fica** mais **bonita** Quando **tem luar, luar, luar. . .**
••Quero acordar com os **passarinhos****Cantar** uma **canção** com o **sabiá••**

Dizem que **verrugas são** **estrelas****Que a gente conta** **Que a gente aponta****Antes de dormir,**
dormir, dormir••Eu tenho **contado** Mas não **tem****surgido**
Isso é estória de **nariz comprido****Deixe** de **mentir, mentir, mentir••**

Os sete anões **pequenos**, Sete corações **de** meninos **Ea** alma **leve, leve, leve**●● **São**
folhas e **flo--res** ao **ven--to** O sorriso e o **sentimento** **Da** Branca de Neve, **neve, neve**●●

Eu **não** sou tanajura...

...queremos, queremos, queremos, queremos: quero acordar com os passarinhos, cantar uma
canção com o sabiá...sabiá laranjeira, ouço o teu cantar bem perto; eu saí te procurando, mas a
noite foi chegando, eu me perdi no deserto.

Certos amigos Binária, Sol Maior

Instrumentos:

Cênicas:

Quando esse trem de **alegria** vara a vida da **gente**●
Sempre que a estação mais **perto** é o nosso **cora--ção**
Difícil se saber na **hora** o que a gente **sente**●
Se **certos** amigos nos **mostram** que o mundo ainda é **bom**●
Tendo você do meu **lado** me sinto mais **forte** ●
Quero beijar o teu **rosto** e pegar tua **mão** ●
Se **cada** estrela no **céu** é um amigo na **terra** ●
A **força** do acaso do **encontro** é uma **constelação**●

De que planeta você é?

Eu faço o **que** você quiser em troca do teu **amor** ●
Posso te **dar** o que eu **sou**, amigo é um **cobertor** ●

Bordado de **estre---las** - de **estre---las**.

Constelação, nave **louca**●

A vida é **pouca** e o que **vale** é se **querer**●**Constelação**, nave **louca**●A vida é **pouca** e o que
vale é se **querer** mais e **mais** e mais e **mais**

Benkê

Quaternária, Dó maior

Instrumentos:

Cênicas:

Coro (Binário):

Tem a água, tem a água, tem **aquela** imensidão, tem **sombra** da floresta, tem a **luz** do coração

Solistas (Quaternária, em contracanto):

OBeija-Mar me deu **prova** • **Uma estrela** bem **nova** •

Na luminária da **mata**•**Força** que **vem** e **renova** •

Minha Mamãe soberana • **Minha Floresta** de **jóia**•

Tu que dás **brilho** na **sombra** • **Brilhas também** lá na **praia** •

Estrela d'Água me **molha**•**Tudo** que ama e **chora** •

Some na **curva** do **rio** • **Tudo é dentro** e **fora** •

Minha Floresta de **jóia**•

Preta Pretinha

Quaternária, Fá maior

Cênicas:

Instrumentos:

Preta, Preta, Pretinha! Preta, Preta, Pretinha!
 eu ia lhe **chamar!** Enquanto corria a **barca**
 eu ia Lhe **chamar!** Enquanto corria a **barca**

Por **minha** cabeça não passava **Só!** Somente **Só!** Assim vou lhe **chamar** Assim você vai **ser** **Só!**
 Somente **Só!** Assim vou lhe **chamar** Assim você vai **ser**

Eu sou um **pássaro** Que vivo avoando Vivo avoando Sem nunca mais **parar** Ai Ai! Ai Ai!
Saudade Não venha me **matar**
 Ai Ai! Ai Ai! **Saudade** Não venha me **matar**

Abre a **porta** e a **janela** Venha **ver** o sol **nascer...**(2x)

Contracanto:

Grupo A ‘pergunta’: **Preta, Preta, Pretinha!** (3 vezes)

Grupo B ‘responde’: Eu ia lhe **chamar!** Enquanto corria a **barca**(3 vezes)

Grupo A ‘pergunta’: **Só!** Somente **Só!** Assim vou lhe **chamar** Assim você vai **ser** (**3 vezes**)

Grupo B ‘responde’: **Só!** Somente **Só!** Assim vou lhe **chamar** Assim você vai **ser** (**3 vezes**)

Riacho De Areia Quaternária, Mi maior

Cênicas:

Instrumentos:

Beira **mar**, beira mar novo Foi só **eu** é que cantei^Ô beira **mar**, adeus **donaAdeus riacho de areia**.

Vou descendo rio **abaixo** Numa **canoa furada**^Ô beira **mar**, adeus **donaAdeus riacho de areia**.

Arriscando minha **vida** pruma **coisinha de nada**^Ô beira **mar**, adeus **donaAdeus riacho de areia**.

Adeus **adeus**, como **adeus** eu vou só eu já vou me **embora**; Eu **morava** no fundo **d'água**, não sei •quando voltarei eu sou canoei---ro

Vou **remando** minha canoa lá pro **poço** do **pesqueiro**^Ô beira **mar**, adeus **donaAdeus riacho de areia**.

Eu não **moro** mais **aqui**, nem **aqui** quero **morar**
^Ô beira **mar**, adeus **donaAdeus riacho de areia**.

Moro **na** casca da **lima** no **caroço** do **juá**^Ô beira **mar**, adeus **donaAdeus riacho de areia**.

CuitelinhoQuaternária, Dó maior

Instrumentos:

Cênicas:

Cheguei à beira do **porto** Onde as onda se **espaia** ●
 As **garça** dá meia **volta** E senta na beira da **praia** ●
 E o **cuitelinho** não **gosta** ● Que o botão de rosa **caia**, ai, ai ●

Ai quando eu **vim** da minha **terra** Despedi da **parentáia** ●
 Eu **entrei** no Mato **Grosso** Dei em terras **paraguaias** ●
 Lá tinha **revolução** ● Enfrentei fortes **batáia**, ai, ai ●

A tua saudade **corta** Como aço de **naváia** ●
 O **coração** fica **aflito** Bate uma, a outra **faia** ●
 E os óio se enche **d'água** ● Que até a vista se **atrapáia**, ai, ai ●

Vou **pegar** o teu **retrato** vou botar numa **medáia** ● Com um **vestidinho** **branco** e um laço de
cambraia, ● vou pendurar no meu **peito**, ● que é onde o coração **trabáia**, ai, ai

Contracanto (repetir sempre):

● Du dududuududududududuuuu

Du dududuududududududuooo

Du dududuududududududuuuu

Du dududuududududududuooo

Cui----te----**li**----nho

Desenredo Quaternária, Ré maior

Instrumentos:

Cênicas:

Por toda terra que **passo** me **espanta** tudo que **vejo**
 A **morte** tece seu **fio** de **vida** feita ao **avesso**
 O **olhar** que prende anda **solto**, o **olhar** que solta anda **preso**
 Mas **quando** eu chego eu me enredo nas **tramas** do teu desejo
 O **mundo** todo marcado a **ferro**, fogo e **desprezo**
 A **vida** é o fio do **tempo**, a **morte** é o fim do **novelo**
 O **olhar** que prende anda **solto**, o **olhar** que solta anda **preso**
 Mas **quando** eu chego eu me enrosco nas **tranças** do teu **segredo**

Ê, Minas, **ê**, Minas
 É **hora** de **partir**, eu vou, **•**vou me **embora** pra bem **longe**
Ê, Minas, **ê**, Minas
 É **hora** de **partir**, eu vou, **•**vou me **embora** pra bem **longe**

A **cera** da vela **queimando**, o **homem** fazendo seu **preço**
 A **morte** que a vida anda **armando**, a **vida** que a morte anda **tendo**
 O **olhar** mais fraco anda **afoito**, o **olhar** mais forte, **indefeso**
 Mas **quando** eu chego eu me **perco** nas **cordas** do teu **cabelo**

Ê, Minas, **ê**, Minas...

O canto das águas serenas Ternária, Dó maior

Instrumentos:

Cênicas:

**O canto das águas serenas, serenas, serena e vem serenar...●
o canto das águas desperta, inspira, encanta, e vem encantar...● chuva molhando a terra,
rio seguindo promar...
fonte de águas cristalinas, cachoeira a murmurar... água...●**

**o brilho nas águas clareia, clareia, clareia e vem clarear●
reflexo da luz verdadeira, do Sol, das Estrelas, no claro luar●
lago de águas serenas, espelho pra se enxergar, a beleza verdadeira Natureza a iluminar...
água...●**

**a força das águas que movem, levantam, transformam e vem transformar●
a força das águas que trazem a Vida, a esperança, o verde a brotar,●
água que nos traz a Vida, água venha nos limpar,
renovando a esperança, renovando o meu cantar... água...●**

o canto das águas, o brilho das águas, a força das águas... noar...''

O canto do povo de um lugar Intercalação de Ternária com Quaternária

Instrumentos:

Cênicas:

123 1 2 34 1 2 3 1 2 3 Todo **di**---a o sol **levanta** E a gente
canta Ao sol de todo **di**---a •

4 1 23 1 2 3 4 1 2 3 12 3 Fim da **tarde** a terra **co**--ra E a gente
chora Porque finda a **tarde** •

4123 1 2 3 4 1 2 312 Quando a **noite** a lua **man**--sa E a gente **dança**
 Venerando **anoite**

34 1 23 1 2 3 4 1 2 3 1 2 • Madrugada, céu de **estrelas**
 E a gente **dorme** sonhando com **elas**.

Bolero de Ravel – Arranjo Quaternário

Lá, para **além** do horizonte **haverá**

Para **sempre** um cantar • A vir de **longe** pra chegar •

E mudar o que era velho e ruim •

E o não **virará** sim • •

Ah, se **quiseres** sorrir e amar •

Terás que peregrinar e encontrar

Aquilo que não há no lugar aonde tu **irás**

Pois amar • é uma coisa **simples** de achar

Mas que **não** se pode possuir • e acorrentar • •

Não! A vida é peregrinação nesse **chão**

E entregar o coração • é amar a quem não

Consegue 'inda' não colorir o papel que a vida tem na mão • •

Sim, poder sorrir é poder contemplar no seu sim

É... poder unir o que é preciso estar em união

É... • só ouvir • uma canção • que uma o sim ao não • •

Coro:

Meu coração, como é grande o meu coração

Meu coração, meu coração, são, são

Jesus, alegria dos homens-Ternária

• A jornada da vida é tão curta e assim vamos nós caminhando na senda do amor imortal vamos nós Caminhando na estrada sedentos do amor vamos nós com o pés encharcados do pó da poeira de andar nesse chão

Jesus nossa alegria

• A busca da verdade e da luz vamos nós Caminhando na estrada sedentos do amor vamos nós com o pés encharcados do pó da poeira de andar nesse chão A jornada da vida é tão curta e assim vamos nós caminhando na senda do amor imortal vamos nós Caminhando na estrada sedentos do amor vamos nós com o pés encharcados do pó da poeira de andar nesse chão

Almas perenes

• A busca da verdade e da luz vamos nós Caminhando na estrada sedentos do amor vamos nós com o pés encharcados do pó da poeira de andar nesse chão A jornada da vida é tão curta e assim vamos nós caminhando na senda do amor imortal vamos nós Caminhando na estrada sedentos do amor vamos nós com o pés encharcados do pó da poeira de andar nesse chão

A vida é uma passagem para nós **mesmos**, estamos num barco no **rio** do amor, a verdade é tão **simples** de ver é tão simples de **ser**, a verdade é tão bela é **luz** que ilumina as trevas do **ser**

•Luz que é bela e acende **a** alegria fácil de **viver**, alegria de ter a **visão** da esperança, do **amanhecer**

•A jornada da vida é tão **curta** e assim vamos nós **caminhando** na senda do amor **imortal** vamos nós A busca da verdade e da **luz** vamos nós Caminhando na **estrada** sedentos do amor vamos **nós** com o pés encharcados do **pó** da poeira de andar nesse **chão** • • •

Caminhando na **estrada** sedentos do amor vamos **nós** com o pés nós vamos **caminhando** na senda do amor **imortal** vamos nós Caminhando na **estrada** sedentos do amor vamos **nós** com os pés encharcados do **pó** da poeira de andar nesse **chão**

Coral de Jesus, alegria dos homens

21 2 1 2 1 1 1

1ª – **Jesus, nossa alegria**

2 1 2 1 1 1 2

2ª – **Santa a sabedoria**

2 1 2 1 1 1 1

3ª – **Nossas almas peregrinas**

2 1 2 1 1 1 2

4ª – **Emanam a luz incria da**

2 1 2 1 1 1 1

5ª – **Palavra de Deus que se fez carne**

2 1 2 1 1 1 1

6ª – **Fogo da vida cheio de amor**

2 1 2 1 1 2 1 1

7ª – **Verdade** desconhecida

21 2 1 2 3

8ª – **Jesus, nossa alegria**

Os números acima indicam quantos tempos por sílaba

Rondó do Sol em Dó

A:

O **sol**brilha **em** nosso **chão**, em **árvores** **onde** as **folhas** **can--tam**.●

B:

A **lua** **reflete** a **luz** do **sentimento**; à **noite** a **água** **flutua** no **vento**; no **céu** **azulhá**
conhecimento, **na** **estação** de **cada** **momento**.

A:

No **sorriso** da **criança**, **nuvens** de **algodão**, **árvores** **tortas**, **riacho** de **água** e **dom**.●

C:

Abelha na **flor** de um **vulcão**●**colhe** **raios** de **esperan---ça**; a **chuva** **está****dançan--do**, nos
galhos ‘**majestan---do**’.

A:

Em **grandes** **rochas**, **qualquer** **coisa** **está** **lá**: um **grão** de **areia** e **péta--las** no **ar**.●

D:

Em **qualquer** **lugarhá** **liberdade**: nas **flores** do **sol**, **pelas** **galáxias**; **nos** **altos** **morros**, **gatos** e
cachorros, em **lindos** **arco-í--ris**.●

A:

Palavras **voando** **sobre** o **campo**, **trazendo** **mensagens** **através** do meu **can--to**,●**através** do
meu **can--to**,● **através** do meu **can--to**.

Partituras

A Árvore Especial

Marina Abreu

Melodia principal

que ro vo ar com as fo o lhas em ci ma ma ár vo pe ci al em dia so la ra do um

Contracanto

fo o lhas ár vo re s pe ci al

dia so la ra do um di a chu vo so ve jo a ár vo res pe ci al so o zi nha

es pe ci al

vou a té lá vou a té lá pe ma ta plan ma no va ár vo re es

es

pe ci al pa ra e la não fi que so zi nha

pe ci al

As pétalas de rosa

Coral São

Flute 1

Flute 2

1

2

1

2

1

2

1

2

Cuitelinho

Pantaneiros

melodia principal

Flute

Oboe

Contacanto

che a bei po on da se es páia
 guel ta do to do da se es páia

du du du du du du du du du du du du do du du du

Fl.

Ob.

es ga du mi vol son ra praia e cu te li mo
 a ta ta bei ra da praia na go ta

du du du du du du du du du du du du do cu te li mo

Fl.

Ob.

Quem tá fo Sa Ca iaia

bo de

Fl.

Ob.

Fl.

Ob.

EXERCÍCIOS

Treine a Regência enquanto canta

Continue marcando a música:

2 3 4 1 2 3 4 1 2 3 4 1 2 3 4 1 2 3 4 1 2 3 4 1 2 3 4
 Te ofereço **paz** • Te ofereço **amor** • Te ofereço **amizade**

• Ouço tuas **necessidades** • Vejo tua **beleza** •

Sinto os teus **sentimentos** • Minha **sabedoria** flui •

De uma fonte **superior** • E **reconheço** esta fonte em **ti** •

Trabalhemos **juntos**, trabalhemos **juntos**

Distribua as letras do Coral pelos pulsos. Antes descubra com os amigos ou com o professor o que é o Andamento. As sílabas que estão nos pulsos devem ser escritas em letra imprensa maiúscula. As sílabas que não estão nos pulsos devem ser escritas em letra imprensa minúscula. Você deve dizer quantos pulsos tem cada música. Xeroque a folha de pulsos.

Folha de pulsos (Andamento)

Música: _____ Quantidade de pulsos: _____



Exemplo: 'Te ofereço Paz' – Valter Pini

Compasso quaternário

22 Compassos

Te ofe re ço paz

Te ofe re ço a mi za de

Ve jo tu a be le za

Minha sabe do ri a flui

e re co nhe ço essa fon te em ti

Te ofe re ço a mor

Ou ço tu as ne ces si da des

Sin to os teus sen ti men tos

de uma fon te su pe ri or

tra ba lhe mos jun tos

tra ba lhe mos jun tos

As esferas maiores representam o tempo forte deste Compasso quaternário. Esta é uma visualização gráfica dos compassos com as letras.

É importante que cada aluno cante a música regendo-a numa regência simples.

Depois que você aprender as notas, poderá cantar as melodias das músicas usando notas e não letras:

Cantar e reger simultaneamente trará um maior domínio dos Compassos, principalmente quando a música possuir mais de uma melodia, pois ajudará nos momentos de entrada das vozes.

a) Cantar recitando os nomes das notas em Dó (ao invés da letra).

Te ofe re ço paz

Te ofe re ço a mor

Dó Dó Mi Só Lá

Dó Lá Só Mi Ré

Te ofê re ço a mi za de	Ou ço tu as ne ces si da des
Dó Dó Ré Ré Mi Ré Dó	Dó Dó Dó Mi Mi Só Lá Só Lá
Ve jo tu a be le za	Sin to os teus sen ti men tos
Dó Lá Só Só Mi Ré Ré	Dó Dó Ré Ré Mi Ré Dó
Minha sabe do ri a flui	de uma fon te su pe ri or
Lá Lá Só Lá Dó Lá Só Mi	Dó Dó Ré Mi Ré Dó Dó Dó
e re co nhe ço essa fon te em ti	tra ba lhe mos jun tos
Lá Lá Só Lá Lá Dó Lá Só Dó	Dó Dó Ré Mi Ré Dó
tra ba lhe mos jun tos	
Dó Lá Só Mi Ré Dó	

ANEXO 3 –CÓPIA DA REPORTAGEM DO SITE DA SE DF



SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO DO DISTRITO FEDERAL

[Página principal](#) > [Imprensa](#) > IV CNIJMA chega à etapa distrital e sinaliza bons resultados



IV CNIJMA chega à etapa distrital e sinaliza bons resultados

A reunião foi marcada para eleição de projetos, delegados e professores que representarão a SEDF na etapa nacional, que será no final de novembro, em Luziânia – GO

IV CNIJMA chega à etapa distrital e sinaliza bons resultados

7 DE NOVEMBRO DE 2013 EM [NOTÍCIAS](#)

A reunião foi marcada para eleição de projetos, delegados e professores que representarão a SEDF na etapa nacional, que será no final de novembro, em Luziânia – GO



A Secretaria de Educação do Distrito Federal realizou na manhã desta quinta-feira (7), a abertura oficial da etapa distrital da IV Conferência Infantojuvenil pelo Meio Ambiente (IV CNIJMA), cujo

tema é “Vamos cuidar do Brasil com escolas sustentáveis”. Durante dois dias, alunos eleitos para a função de delegados escolares, juntamente com um professor orientador, de cada uma das 38 escolas da rede pública de ensino, distribuídas em 12 Coordenações Regionais de Ensino, que inscreveram previamente, projetos relativos à educação ambiental, junto ao Ministério da Educação (MEC), estarão em plena preparação para a etapa nacional. O evento de abertura foi no auditório da Escola de Aperfeiçoamento dos Profissionais da Educação (EAPE), da SEDF.

Na etapa distrital serão eleitos 18 delegados, 3 projetos e 3 professores para representação da SEDF na etapa nacional, prevista para o final de novembro do corrente ano, em Luziânia – GO. Os participantes terão as despesas custeadas pelo MEC.



Para o assessor da Subsecretaria de Educação Básica da SEDF, Henrique Torres, o caminho percorrido até esta etapa foi bastante longo, mas totalmente possível, pela “força e empenho do Coletivo Jovem do DF”. Torres explicou que a participação efetiva dos estudantes, em cada uma das escolas é que trará o tão almejado objetivo, de “fazer nascer as escolas sustentáveis”. O professor Henrique agradeceu a participação dos professores e afirmou que foram eles que tornaram o sonho possível. “São os sonhos, de nós professores, que movimentam os sonhos de nossos alunos, então nosso papel é muito importante para o futuro do nosso país”.

O coordenador em Direitos Humanos da SEDF, Mauro Gleisson Evangelista, contou que um dia ouviu uma entrevista com um jogador de futebol, que afirmou “quem não tem gratidão não tem caráter”. Gleisson tomou para si a fala e disse que todos da coordenação são muito gratos aos que se empenharam para a realização da IV CNIJMA. “Sabemos o quanto foi difícil estar aqui e as escolas que aqui estão, venceram a burocracia”, concluiu.

Segundo a chefe do Núcleo de Educação Ambiental da SEDF, Josimary Ribeiro, chegar à etapa distrital é a confirmação de que o caminho percorrido está correto. "Temos como objetivo central, fortalecer a educação ambiental no sistema de ensino, além de incentivar a participação da comunidade escolar para ações sustentáveis nas unidades educacionais e se estamos aqui, é porque acreditamos no nosso desafio", afirmou.

Para a representante do MEC, Simone Portugal, é uma alegria imensa participar de evento tão importante para a educação. "A IV CNIJMA é uma iniciativa do MEC, mas ela só pôde ser implementada, com o apoio das parcerias existentes", disse. Simone explicou que "não há como trabalhar com educação ambiental, se os participantes da educação no País, não estiverem presentes", e deixou um recado "que ecoe para fora do ambiente escolar o desejo de um mundo sustentável".



O estudante universitário, representante do Coletivo Jovem do DF, Pedro Gabriel, disse que é muito importante participar das questões que envolvem os assuntos da escola e da vida. "Atuem, pois é a maneira de mostrar que queremos muito mais", disse. Pedro concluiu sua fala afirmando "lembrem que esta conferência foi feita para vocês".

A abertura oficial contou com uma apresentação musical, que deixou os presentes emocionados. Alunos da Escola Classe 01 de Sobradinho, que integram o Coral&São e Orquestra Mãe Terra, sob a regência e violão do professor Carlos Campos, soltaram as vozes em peças autorais e de músicos conhecidos. Campos afirma que acredita na sustentabilidade e com a arte apóia o tema, agregando amor ao que faz. "Desenvolvo este trabalho com alunos do 4º ano do ensino fundamental e para chegar a este resultado, ensaiamos 30 minutos todos os dias", explica.

ANEXO 4 – EDITAL DO TORNEIO MATEMÁTICO

Tórnate - 1º Semestre 2013 (4º anos)

Torneio integral de Matemática

Organização: Professor Carlos Lima Campos

O Tórnate, Torneio Integral de Matemática, tem o objetivo de estimular a participação do educando na matéria. Como já é de conhecimento de todos o que pesquisam a matéria com seriedade, Matemática não é apenas raciocínio, mas sim o equilíbrio perfeito entre Intuição, Memória e Raciocínio.

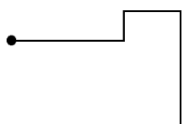
1ª Fase – MEMÓRIA DE NÚMEROS

Cada turma enfrenta o Desafio da Memória de Números. Os 5 alunos mais bem pontuados são classificados para a 2ª fase. O juiz apresenta uma sequência de 4 números para os estudantes (podendo chegar até a Centena de milhar); estes não podem segurar lápis ou caneta no momento em que veem os números. O juiz dá o sinal e todos copiam os 4 números na sequência correta. Os estudantes recebem um cartão apropriado para marcar a sequência. Em caso de empate, usaremos o cálculo mental.

2ª Fase – DESENHO DE EQUILÍBRIO

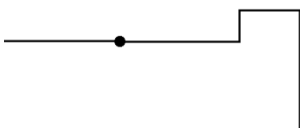
Os 15 alunos classificados recebem cartões com desenhos com retas e/ou linhas curvas; eles devem fazer o desenho contrário. Os 6 alunos mais bem pontuados irão para a 3ª Fase. Em caso de empate, usaremos o cálculo mental.

Exemplo do Desenho de Equilíbrio:

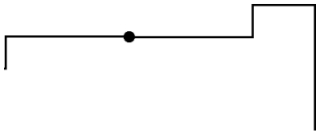


Recebem um desenho como este

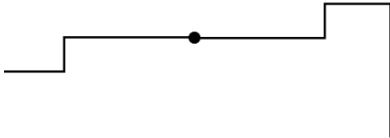
Se a primeira linha (reta) do desenho (a partir do ponto) avança na direção leste, a primeira linha (reta) do desenho contrário deve avançar na direção oeste:



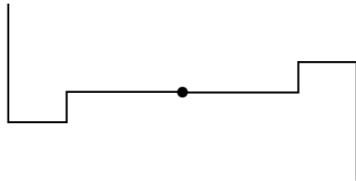
Se a segunda linha (reta) do desenho avança na direção norte, a segunda linha (reta) do desenho contrário deve avançar na direção sul:



Se a terceira linha (reta) do desenho avança na direção leste, a terceira linha (reta) do desenho contrário deve avançar na direção oeste:



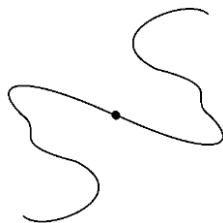
Se a quarta linha (reta) do desenho avança na direção sul, a quarta linha (reta) do desenho contrário deve avançar na direção norte:



O Desenho pode ter linhas curvas:



Seu Desenho contrário:



3ª Fase: CÁLCULO NO PAPEL

Cada um dos 6 alunos recebe uma folha contendo as 4 operações da Aritmética. O estudante pode usar lápis (ou caneta) e borracha. Tem 10 minutos para entregar as respostas. Os 2 estudantes mais bem pontuados irão para a 4ª e última fase. Em caso de empate, usaremos o cálculo mental.

Adição = 1 ponto

Subtração = 2 pontos

Multiplicação = 3 pontos

Divisão = 4 pontos

A Adição e a Subtração podem chegar até à Dezena de Milhar. A Multiplicação e a Divisão podem ter parcelas até a Centena.

4ª Fase: CÁLCULO MENTAL

Uma operação de Adição é apresentada aos finalistas; cada um tem uma chance para responder a operação; o tempo limite é de 2 minutos. Uma operação de Subtração é apresentada aos finalistas; cada um tem uma chance para responder a operação; o tempo limite é de 3 minutos. Uma operação de Multiplicação é apresentada aos finalistas; cada um tem uma chance para responder a operação; o tempo limite é de 4 minutos. Uma operação de Divisão é apresentada aos finalistas; cada um tem uma chance para responder a operação; o tempo limite é de 5 minutos.

Adição = 1 ponto

Subtração = 2 pontos

Multiplicação = 3 pontos

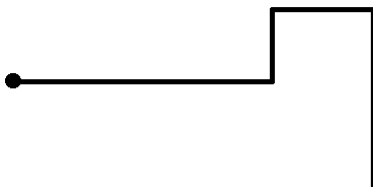
Divisão = 4 pontos

Premiação:

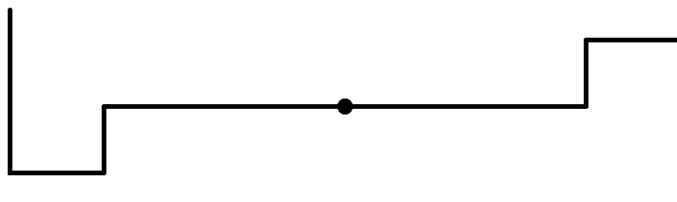
1º lugar: 1 kit com 1 Tangram artesanal, 1 Calculadora e 1 Soroban

2º lugar: 1 Soroban

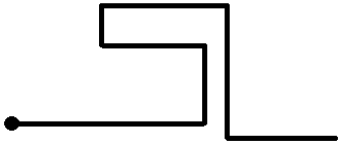
Nível A



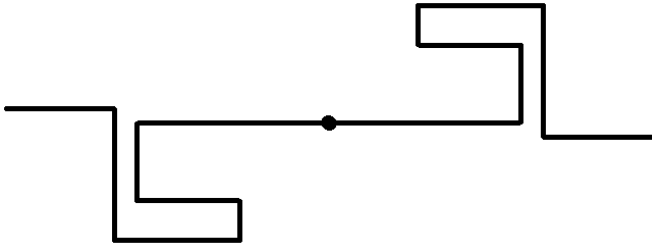
Nível A



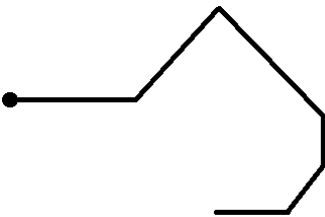
Nível B



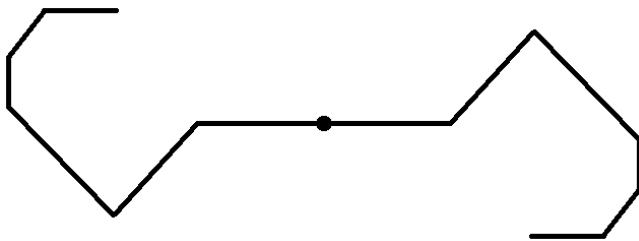
Nível B



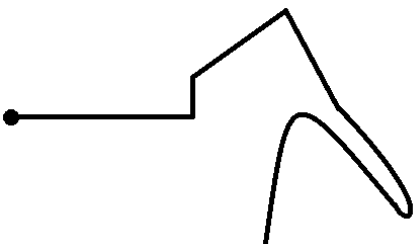
Nível C



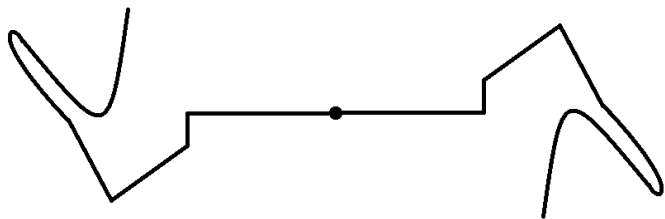
Nível C



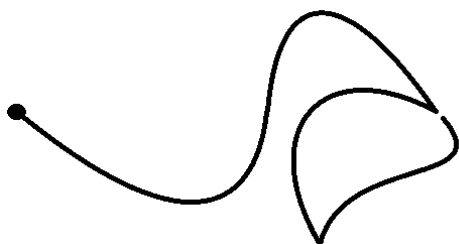
Nível D



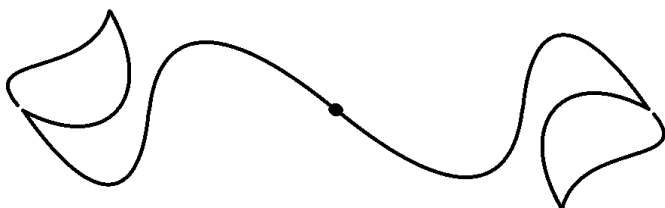
Nível D



Nível E



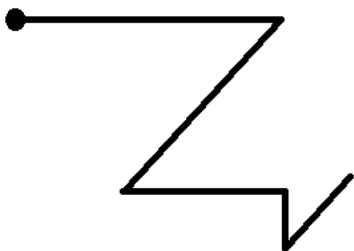
Nível E

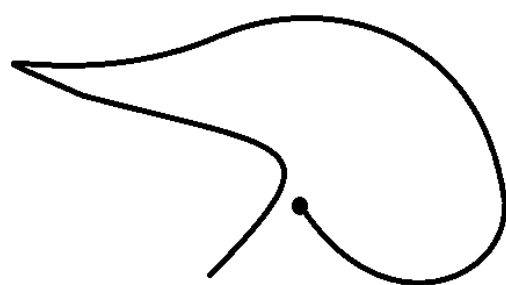
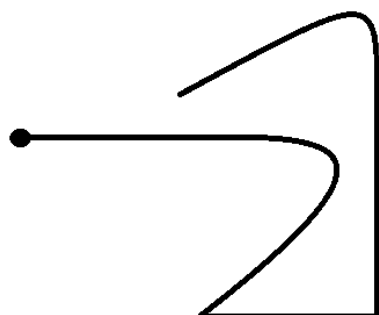


DESENHOS DE EQUILÍBRIO USADOS PARA O TORNEIO

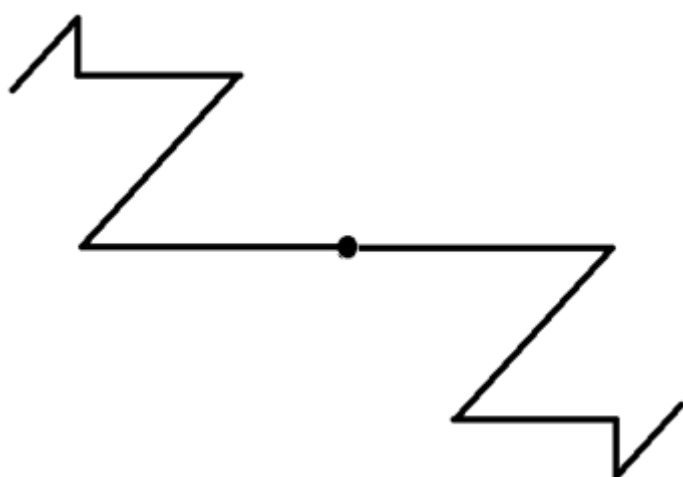
Nome: _____

Turma: _____





GABARITO 1° TÓRNATE 2013



Nome:				Pontos
1º	2º	3º	4º	

Nome:				Pontos
1º	2º	3º	4º	

Nome:				Pontos
1º	2º	3º	4º	

Nome:				Pontos
1º	2º	3º	4º	

Nome:				Pontos
1º	2º	3º	4º	

3ª Fase Tórnate - Folha de Treino

- a) $187.432 + 539.098$
- b) $375.354 - 289.976$
- c) 21×41
- d) $294 / 14$

<p>3ª Fase Tórnate Folha de Treino</p> <p>a) $187.432 + 539.098$</p> <p>b) $375.354 - 289.976$</p> <p>c) 21×41</p> <p>d) $294 / 14$</p>

3ª Fase – I Tórnate 2013

Nome: _____

Turma: _____ Data: _____

a) $645.978 + 309.875$

Resposta :

b) $421.513 - 264.958$

Resposta :

c) 38×29

Resposta :

d) $988 / 38$

Resposta :

Gabarito - I Tórnate 2013

- a) $645.978 + 309.875 = 955.853$
- b) $421.513 - 264.958 = 156.555$
- c) $38 \times 29 = 1.102$
- d) $988 / 38 = 26$

ANEXO 5 – FOLDER DO III CIRCUITO DE CIÊNCIAS DAS ESCOLAS PÚBLICAS DO DF



Secretaria de Estado de Educação

Coordenação Regional de Ensino de Sobradinho

Escola Classe 1 de Sobradinho

III CIRCUITO DE CIÊNCIAS DAS ESCOLAS PÚBLICAS DO DISTRITO FEDERAL

A Criação de Sistemas Numéricos Básicos e o uso de Calculadoras Manuais
no Ensino Fundamental

Alice Silva

David Oliveira

Joabe Duarte

José Souto

Maria Eduarda Sousa

Marina Abreu

Paulli Cabral

Yasmim Cruz

Professor Orientador: Carlos Lima Campos

Primeira coluna

INTRODUÇÃO

O ensino de Matemática depende da indissociação entre a compreensão estrutural dessa Ciência e o manejo eficiente de todos os seus processos. Este projeto explora a criação de Sistemas Numéricos Básicos por parte do estudante de Ensino Fundamental, bem como o uso de Calculadoras Manuais Especiais para possibilitar, com eficiência, um manejo técnico de tais sistemas.

Nessa parte estão os algoritmos criados pelos alunos

JUSTIFICATIVA

Estudantes desenvolvem-se com a Criação do Sistema Numérico.

OBJETIVOS

Divulgar a ideia dos Sistemas Numéricos e do uso de Calculadoras Manuais aos atores dos processos educativos.

METODOLOGIA

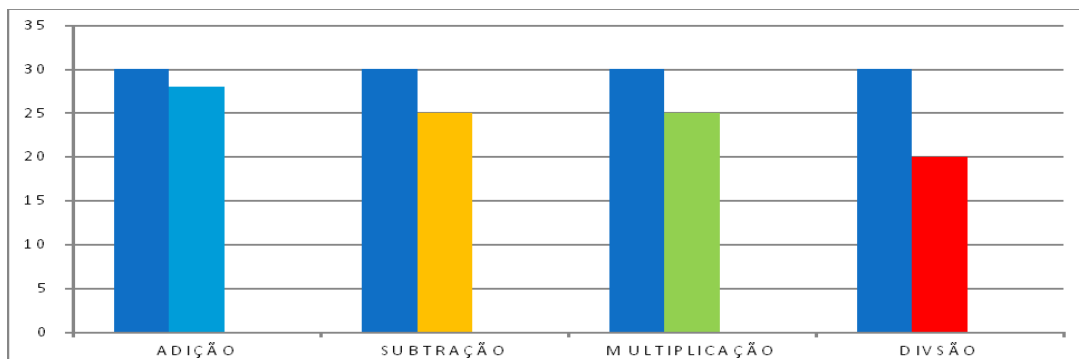
Definição de passos para criação do Sistema Numérico não decimal; entrevistas aos alunos envolvidos, pais e antigos professores a respeito do interesse e desempenho dos alunos em matemática;

Construção de Calculadoras Manuais não decimais.

Tabela 1. Resultado do Torneio de Matemática Integral 2013 da Escola Classe 1 de Sobradinho DF (4º anos matutino)

COLOCAÇÃO	ALUNOS QUE USAM SOROBAN	ALUNOS QUE NÃO USAM SOROBAN
1º Lugar	X	
2º Lugar	X	
3º Lugar	X	

Gráfico 1. Desempenho atual dos alunos do 4º ano B da Escola Classe 1 de Sobradinho DF



Alunos que realizam cálculos, pelo menos, com Milhar	Alunos que realizam cálculos, pelo menos, com Milhar
Alunos que realizam cálculos, pelo menos, com Dezena com Dezena	Alunos que realizam cálculos, pelo menos, até o Décimo

CONCLUSÃO

O envolvimento entusiasmado dos alunos é um indício relevante para um primeiro julgamento. A compreensão do Sistema posicional parece ser o fato didático-científico mais importante; os alunos, ao grafarem, sozinhos, as combinações de Algarismos, demonstraram compreensão das complexas “ordens posicionais”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

IFRAH, Georges. Os Números: história de uma grande invenção. Trad. Stella Maria de Freitas Senra. 11 Ed. São Paulo: Globo, 2005.

Explorando o ensino da Matemática. Org. Ana Catarina P. Hellmeister, et al. Artigos: volume 1 / seleção e organização ; Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2004.

ANEXO 6 – PROJETO DO BANNER PARA CIRCUITO DE CIÊNCIAS E RESUMO COM DADOS DAS ENTREVISTAS COM PAIS E ALUNOS.

Banner

Problema identificado

Como oportunizar aos estudantes do Ensino Fundamental a compreensão firme da estrutura ontológica, memorial e técnica da Matemática?

Entende-se o Sistema Numérico como o ‘corpo estrutural’ da Ciência Matemática. Entende-se como ‘estrutura ontológica’ a razão de ser essencial dessa ciência. Por ‘estrutura memorial’, entende-se toda a historicidade da Ciência Matemática; por fim, por ‘estrutura técnica’, entende-se todo e qualquer tipo de ‘movimentação de quantidade’ dentro dessa mesma matéria, relevando, assim, para o Ensino Fundamental, as 4 operações básicas da Aritmética.

Hipótese

A Criação de Sistemas Numéricos pelos estudantes e o uso de Calculadoras Manuais são recursos didático-metodológicos e instrumentais de excelência, capazes de, junto com o interesse do professor, promover uma relação harmoniosa entre o educando e a Matemática.

Descrição dos materiais e métodos

Criação de Sistemas Numéricos

Os alunos do 4º ano B, interessados na construção de Sistemas Numéricos, participam do ‘Projeto ABACADA’ de Matemática no turno contrário (iniciado em Março/2013), todas as segundas-feiras das 14h às 17h na sala dos professores.

Calculadoras Manuais

Os alunos que frequentam as aulas do Projeto Abacada, além de criarem seus Sistemas Numéricos, também projetam suas Calculadoras Manuais. Cada um dos 31 alunos do 4º ano B, na primeira semana de aula do ano, recebeu 1 Soroban (Calculadora Manual japonesa) e desde então, toda a turma participa dos desafios aritméticos com esse instrumento durante trinta minutos diários.

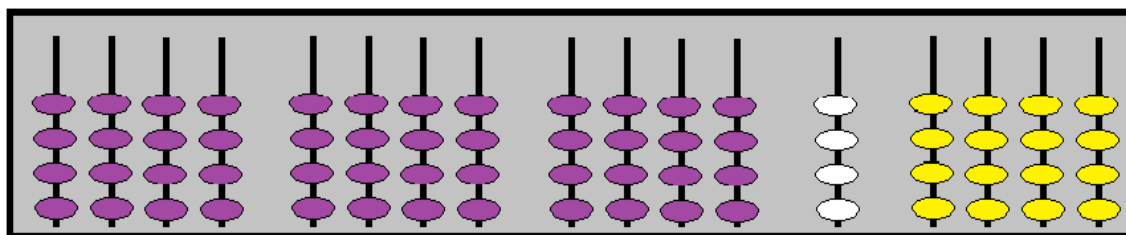
Entrevistas a alunos, pais e antigos professores

Alunos, pais e antigos professores dos alunos foram entrevistados para avaliar o interesse do aluno pela matemática após os projetos.

Construção de Calculadoras

Construímos as Calculadoras de acordo com a escolha da Base pelo aluno.

Exemplo (Calculadora Base 5):



(as contas brancas representam a Ordem das Unidades)

Torneio de Matemática Integral

Foi realizado um Torneio entre os 4º anos matutino para avaliar o interesse e desempenho dos alunos.

Resultados

Como o ensino de Matemática é contínuo e sem fim, difícil é julgarmos definitivamente toda a experiência gerada por este trabalho. Os dados nos indicam que o uso de Calculadoras Manuais decimais e não decimais, e a criação, por parte do aluno, de seu próprio Sistema Numérico são fatores de alta relevância. Há, obviamente, outros fatores que influenciam a compreensão, mas, dentro dos recursos didático-metodológicos e instrumentais, temos uma sugestão positiva do que aqui foi apresentado.

Análise de dados e resultados

Calculadoras:

Tanto o professor quanto os alunos projetaram Calculadoras. Os alunos conseguiram perceber as vantagens e desvantagens das diversas organizações numéricas nas Calculadoras Manuais.

Os Sistemas Numéricos:

Os alunos não tiveram problemas para criar, ‘cada um a seu tempo’, seus Sistemas. O fato de cada aluno registrar, com certa segurança, as combinações de Algarismos, revela um domínio do Sistema Posicional, um dos maiores desafios didáticos da aprendizagem matemática.

Soroban:

A maior parte dos pais está muito contente com o trabalho desenvolvido com o Soroban em sala.

Torneio de Matemática:

Os dados do torneio indicam que o Soroban pode ser um fator decisivo para o sucesso na educação matemática; os 3 primeiros colocados no Torneio usam o Soroban; dois são do 4º ano B, onde há uso rotineiro.

Algoritmos das Operações Básicas:

Alguns alunos desenvolveram maneiras diferenciadas de realizar as operações fundamentais.

Considerações finais

Podemos concluir, até agora, que a Construção dos Sistemas Numéricos pela criança e o uso de Calculadoras Manuais é altamente significativo. Construir um Sistema Numérico próprio desenvolve autonomia matemática; a Calculadora Manual é um instrumento concreto, mas representativo, que revela todas as nuances de cada ‘matemática criada’. A compreensão do Sistema Posicional parece ser o fato didático-científico mais importante; os alunos, ao escreverem, sozinhos, as combinações de Algarismos, demonstraram compreensão das ‘Ordens posicionais’.

Referência Bibliográfica

IFRAH, Georges. **Os Números: história de uma grande invenção**. Trad. Stella Maria de Freitas Senra. 11Ed. São Paulo: Globo, 2005.

Explorando o ensino da Matemática. Org. Ana Catarina P. Hellmeister, et al. Artigos: volume 1 / seleção e organização ; Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2004.

SHOKRANIAN, Salahoddin. **Números Notáveis**. 2. Ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2002. 56 p.

Dados para elaboração do gráfico:

- pergunta aos pais: sobre interesse e desempenho do filho em relação ao ano passado
 - **para 17 pais**, o aluno progrediu
 - **para 0 pais**, o aluno piorou
 - **para 1 pai**, o aluno manteve o interesse e desempenho
-
- pergunta aos alunos sobre seu interesse e desempenho em matemática em relação ao ano passado
 - **para 23 alunos**, houve progresso
 - **para 6 alunos**, o progresso permaneceu na média
 - **para 1 aluno**, houve retrocesso

ANEXO 7 – BANNER DO CIRCUITO DE CIÊNCIAS COM DESCRIÇÃO

Secretaria de Estado de Educação
Coordenação Regional de Ensino de Sobradinho
Escola Classe 1 de Sobradinho

III CIRCUITO DE CIÊNCIAS DAS ESCOLAS PÚBLICAS DO DISTRITO FEDERAL
BRASÍLIA 2013

A Criação de Sistemas Numéricos Básicos e o uso de Calculadoras Manuais no Ensino Fundamental

PROBLEMA IDENTIFICADO

Como oportunizar aos estudantes do Ensino Fundamental a compreensão firme da estrutura ontológica, memorial e técnica da Matemática?

Entende-se o Sistema Numérico como o 'corpo estrutural' da Ciência Matemática. Entende-se como '**estrutura ontológica**' a razão de ser essencial dessa ciência. Por '**estrutura memorial**', entende-se toda a historicidade da Ciência Matemática. Por fim, por '**estrutura técnica**', entende-se todo e qualquer tipo de 'movimentação de quantidade', relevando assim, para o Ensino Fundamental, as 4 operações básicas da Aritmética.

HIPÓTESE

A Criação de Sistemas Numéricos e o uso de Calculadoras Manuais pelos estudantes são recursos didático-metodológicos e instrumentais de excelência, capazes de, junto com o interesse do professor, promover uma relação harmoniosa entre o educando e a Matemática.

DESCRIÇÃO DOS MATERIAIS E MÉTODOS

Criação de Sistemas Numéricos pelos alunos

Os alunos do 4º ano B, interessados na construção de Sistemas Numéricos, participam do 'Projeto ABACADA' de Matemática (no turno contrário, iniciado em Março/2013), que acontece todas as segundas-feiras das 14h às 17h na sala dos professores.

Uso Coletivo de Calculadoras Manuais Decimais

Cada um dos 31 alunos do 4º ano B, na primeira semana de aula do ano, recebeu 1 Soroban (Calculadora Manual japonesa) e desde então, toda a turma participa dos desafios aritméticos com esse instrumento durante trinta minutos diários.

Entrevistas a alunos, pais e antigos professores

Alunos, pais e antigos professores dos alunos foram entrevistados para avaliar o interesse do aluno pela matemática após os projetos.

Construção de Calculadoras Manuais

Os estudantes do 'Projeto ABACADA' projetam suas próprias Calculadoras Manuais em Bases Numéricas não decimais.

Exemplo (Calculadora Base 6):

As 'contas' brancas representam a Ordem das Unidades; nesta Calculadora, projetada por uma aluna, a Ordem das Unidades é isolada e tem o 'status' de Classe. As 'contas' rosas representam números não inteiros consequentes da divisão pelas potências de 6.

Torneio de Matemática Integral

Foi realizado um Torneio entre os três 4º anos matutino para avaliar o interesse e desempenho dos alunos. Os três primeiros colocados usavam o Soroban diariamente; o primeiro colocado também participa do Projeto de Criação de Sistemas Numéricos.

Uso de um "software" criado para o Projeto de Criação de Sistemas Numéricos

O '**Organúmero**' é um "software" próprio do Projeto, onde o estudante utiliza uma Calculadora de Bases (eletrônica) que opera utilizando, em seu visor, os Algarismos inventados. Serve para o registro da nova notação matemática e para a conferência eletrônica dos cálculos em diferentes Bases.

RESULTADOS

Como o ensino de Matemática é contínuo e sem fim, difícil é julgarmos definitivamente toda a experiência gerada por este trabalho. Os dados nos indicam que o uso de Calculadoras Manuais decimais e não decimais, e a criação, por parte do aluno, de seu próprio Sistema Numérico, são fatores de alta relevância.

ANÁLISE DE DADOS E RESULTADOS

Os Sistemas Numéricos:

Os alunos não tiveram problemas para criar, 'cada um a seu tempo', seus Sistemas. O fato de cada aluno registrar, com certa segurança, as combinações de Algarismos, revela um domínio do Sistema Posicional, um dos maiores desafios didáticos da aprendizagem matemática.

Calculadoras Manuais:

Tanto o professor quanto os alunos projetaram Calculadoras Manuais. Os alunos conseguiram perceber as vantagens e desvantagens das diversas organizações numéricas possíveis nas Calculadoras Manuais.

Entrevistas:

Gráfico 1. Interesse e desempenho dos alunos do 4º ano B da escola classe 1 de Sobradinho – DF em relação ao ano anterior (em Matemática)

País entrevistados	Alunos que retrocederam	Alunos que mantiveram o interesse e o desempenho	Alunos que progrediram
Alunos entrevistados	2	5	24
Pais entrevistados	0	2	16

Entrevistas realizadas em agosto de 2013

Torneio de Matemática:

Os dados do torneio indicam que o Soroban pode ser um fator decisivo para o sucesso na educação matemática decimal: os 3 primeiros colocados no Torneio usam o Soroban; dois são do 4º ano B, onde há uso rotineiro.

Algoritmos das Operações Básicas:

Alguns alunos desenvolveram maneiras diferenciadas de realizar as operações fundamentais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Podemos concluir, até agora, que a Construção dos Sistemas Numéricos pela criança e o uso de Calculadoras Manuais é altamente significativo. Construir um Sistema Numérico próprio desenvolve autonomia matemática; a Calculadora Manual é um instrumento concreto, mas representativo, que revela todas as nuances de cada 'matemática criada'. A compreensão do Sistema Posicional parece ser o fato didático-científico mais importante; os alunos, ao escreverem, sozinhos, as combinações de Algarismos, demonstraram compreensão das 'Ordens posicionais'.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

IFRAH, Georges. **Os Números: história de uma grande invenção**. Trad. Stella Maria de Freitas Senra. 11Ed. São Paulo: Globo, 2005.

Explorando o ensino da Matemática. Org. Ana Catarina P. Hellmeister, et al. Artigos: volume 1 / seleção e organização : Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2004.

SHOKRANIAN, Salahoddin. **Números Notáveis**. 2. Ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2002. 56 p.

